

EDUPLURIVERSÊNCIA

CONTOS DE EXISTIR, RESISTIR E REEXISTIR

Organizador:
Josimar Soares da Silva

Volume 2



EDITORA NOVUS
LIVROS ACADÊMICOS

Organizador:
Josimar Soares da Silva

EDUPLURIVERSÊNCIA

contos de existir, resistir e reexistir

Volume 2

1ª EDIÇÃO

EDITORA NOVUS
LIVROS ACADÊMICOS

SÃO LUÍS - 2026

EDITORA NOVUS
SÃO LUÍS - MA - 2026
WWW.EDITORANOVUS.COM.BR EDITORANOVUS@GMAIL.COM

Diagramação e Edição
Eduardo Mendonça Pinheiro
Edição de Arte
Eduardo Mendonça Pinheiro
Normalização
José Marcelino Nascimento Veiga Júnior

Conteudista
Autores © 2026
Organizador
Josimar Soares da Silva

© 2026 Copyright – Direitos reservados. A Editora Novus é detentora dos direitos autorais relativos à edição, diagramação e ao projeto gráfico da presente obra. Os autores permanecem titulares dos direitos autorais de seus respectivos textos. Esta publicação está licenciada sob a Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), permitindo a reprodução, o download e o compartilhamento total ou parcial do conteúdo, desde que a fonte seja devidamente citada, com atribuição obrigatória de autoria, e que a obra seja disponibilizada exclusivamente em Acesso Aberto (Open Access). Não é permitida qualquer forma de alteração, adaptação ou modificação do conteúdo, bem como sua disponibilização em plataformas de acesso restrito ou com finalidade comercial.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586e

Edupluriversência: contos de existir, resistir e reexistir. / organizador: Josimar Soares da Silva – São Luís: Editora Novus, 2026.

91 f.: il. color. v. 2.
Publicação digital (e-book) no formato PDF

ISBN: 978-65-84364-99-8
DOI: 10.29327/5966818

1. Educação Inclusiva. 2. Pessoas com Deficiência. 3. Diversidade Humana. 4. Acessibilidade. 5.Capacitismo. I. Silva, Josimar Soares da Silva. II. Título.

CDU: 376.1

Elaborado por José Marcelino Nascimento Veiga Júnior – CRB 13/320

CONSELHO EDITORIAL

Drª Anali Linhares Lima
M.Sc. Alan Jeffeson Lima de Moraes
Dr. André Leonardo Demaison Medeiros Maia
Drª Anna Christina Sanazario de Oliveira
Drª Aurea Maria Barbosa de Sousa
Drª Camila Pinheiro Nobre
Dr. Claudio Alves Benassi
Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua
Drª Claudiene Diniz da Silva
Dr. Diogo Guagliardo Neves
M.Sc. Eduardo Oliveira Pereira
Drª Elba Pereira Chaves
Dr. Elmo de Sena Ferreira Junior
M.Sc. Érica Mendonça Pinheiro
Dr. Fabio Antonio da Silva Arruda
M.Sc. Fernanda Tabita Barroso Zeidan
Dr. George Alberto da Silva Dias
Drª Gerbeli de Mattos Salgado Mochel
Drª Giselle Cutrim de Oliveira Santos
Drª Herlane de Olinda Vieira Barros
Drª Ivete Furtado Ribeiro Caldas
M.Sc. José Carlos Durans Pinheiro
M.Sc. Josiney Farias de Araújo
M.Sc. Julianno Pizzano Ayoub
Dr. Leonardo França da Silva
M.Sc. Lucianna Serfaty de Holanda
Drª Luciara Bilhalva Corrêa
Drª Luana Martins Cantanhede
Drª Maria Raimunda Chagas Silva
Drª Marina Bezerra Figueiredo
Drª Michela Costa Batista
Dr. Moisés dos Santos Rocha
Drª Priscila Xavier de Araújo
M.Sc. Ramaiany Carneiro Mesquita
Drª Rita de Cássia Silva de Oliveira
M.Sc. Rosany Maria Cunha Aranha
Dr. Saulo José Figueiredo Mendes
Drª Samantha Ariadne Alves de Freitas
Drª Sandra Imaculada Moreira Neto
M.Sc. Shirley Ribeiro Carvalho
Drª Sinara de Fátima Freire dos Santos
M.Sc. Tatiana Mendes Bacellar
Drª Thais Roseli Corrêa
Drª Thalita Karolline de Queiroz Pereira
M.Sc. Victor Crespo de Oliveira
Dr. Wellinton de Assunção
Dr. William de Jesus Ericeira Mochel Filho

Acesse www.editoranovus.com.br/corpo-editorial-2/ para conhecer os membros do Corpo Editorial

Parecer editorial e avaliação por pares
Os trabalhos que integram esta obra foram submetidos à apreciação do Conselho Editorial da Editora Novus e avaliados por pareceristas externos, por meio do sistema de revisão por pares (peer review), tendo sido considerados aptos para publicação.

Nota editorial: Trata-se de uma produção de caráter independente, na qual os direitos autorais permanecem sob a titularidade de seus respectivos autores. Eventualmente, alguns textos podem apresentar desdobramentos de pesquisas, comunicações ou trabalhos acadêmicos previamente apresentados ou defendidos, cabendo aos autores a observância rigorosa das boas práticas acadêmicas, especialmente no que se refere à prevenção do autoplágio. O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos autores, não refletindo, necessariamente, o posicionamento da Editora Novus, dos organizadores, dos revisores ou dos membros do Conselho Editorial.

PREFÁCIO

Entre existências, resistências e reexistências — quando a literatura nos ensina a olhar de novo.

Existem histórias que terminam quando alcançamos o último ponto. Outras continuam acontecendo dentro de nós. Permanecem como perguntas, inquietações, imagens e afetos. Deslocam certezas, desafiam preconceitos e nos convidam a reconsiderar a maneira como enxergamos aqueles que compartilham conosco o mundo. *Edupluriversência: Contos de Existir, Resistir e Reexistir – Volume II* pertence a essa segunda categoria. Esta coletânea nasce da literatura, mas ultrapassa suas margens — constitui-se como experiência pedagógica de autoria, alteridade, inclusão e reconhecimento da pluralidade humana.

Produzidos, em sua maioria, por estudantes do Curso Técnico em Administração integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus São João do Piauí, os contos aqui reunidos apresentam diferentes personagens, conflitos, espaços e experiências, mas compartilham um movimento fundamental — retirar a diferença e a deficiência das margens para colocá-las no centro da narrativa. Aqui, os personagens falam, sentem, desejam, escolhem, erram, amam, aprendem, enfrentam conflitos, projetam futuros e reivindicam o direito de participar da vida sem que suas existências sejam reduzidas a diagnósticos, limitações ou estereótipos.

A travessia começa com “Chuvessia: O segredo das águas”, de Josimar Soares da Silva. A hiperidrose palmar e plantar atravessa a experiência de um adolescente que aprende desde cedo a esconder as próprias mãos para evitar olhares, risos e rejeições. A narrativa aproxima condição corporal, vulnerabilidade socioeconômica, escola, família e construção da autoestima. As mãos que inicialmente parecem denunciá-lo tornam-se, ao final, símbolos de permanência, escrita e possibilidade. A “chuva” do corpo deixa de ser algo que precisa desaparecer para que a vida comece — reexistir, nesse conto, significa deixar de adiar a própria existência.

Em “O desrespeito com o diferente”, de Karlos Eduardo Alves Barbosa, Heitor habita um universo de samurais, conflitos e confrontos no qual precisa enfrentar aqueles que transformam suas diferenças em justificativa para considerá-lo inferior. Entre fantasia, aventura e humor, o personagem reivindica algo elementar e, ao mesmo tempo, profundamente humano — o direito de ser reconhecido como pessoa. Sua batalha mais importante não se trava apenas com a espada, mas contra uma lógica social que transforma diferença em desigualdade.

O futebol torna-se território de resistência em “O chute que ninguém acreditava”, de Allek Felipe Mendes da Silva. Lucas, que nasceu sem a perna direita, precisa enfrentar não apenas os desafios concretos do esporte, mas principalmente os olhares de pena, descrença e zombaria que tentam estabelecer previamente os limites de seu corpo. Quando a bola alcança o gol, o chute atravessa uma distância muito maior que aquela existente entre o jogador e a rede — rompe simbolicamente a fronteira construída pelas expectativas dos outros.

Já em “O dia da corrida”, de Sawan Santana Silva, participar torna-se mais importante que chegar primeiro. O personagem, usuário de prótese, decide en-

frentar o medo e participar da corrida escolar. Seu percurso evidencia que igualdade não significa obrigar todos a realizar as mesmas experiências no mesmo ritmo. Existem diferentes maneiras de chegar, e chegar mais devagar não significa chegar menos longe.

Em “Novos caminhos”, de Sara Jovita Lopes Rodrigues, acompanhamos um pescador cuja vida se transforma depois da amputação de uma perna. A cadeira de rodas modifica sua maneira de circular pelo mundo, mas não apaga o pai, o avô, o pescador, as memórias e os afetos que constituem sua identidade. A narrativa recusa a ideia de que uma deficiência adquirida represente o fim da pessoa que existia anteriormente — novos caminhos podem ser construídos sem que seja necessário abandonar a própria história.

“Estética – A beleza de cada um”, de Wanda Beatriz Ferreira Rodrigues, desloca a reflexão para os padrões por meio dos quais aprendemos a reconhecer aquilo que chamamos de belo. Ao aproximar estética e deficiência visual, o conto provoca uma pergunta fundamental — a beleza depende exclusivamente do olhar? A narrativa amplia esse conceito e permite percebê-lo nas singularidades, nas experiências, nos afetos e nas maneiras particulares pelas quais cada sujeito constrói sua relação consigo e com o mundo.

Em “O silêncio fala”, de Djane Alencar Oliveira, as mãos tornam-se linguagem e os olhos aprendem a escutar. A experiência de Alice, surda e usuária de Libras, evidencia que o silêncio não representa ausência de comunicação. Quando a escola não disponibiliza adequadamente os recursos necessários, percebemos que parte significativa da limitação não está no sujeito, mas nas barreiras comunicacionais construídas ao seu redor.

Em “O som do meu silêncio”, de Rodrigo da Silva Oliveira, Lucas reivindica sua linguagem e seu lugar no mundo. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) aparece não como substituição incompleta da oralidade, mas como língua de expressão, pertencimento e identidade. A história recorda que ser ouvido não significa necessariamente emitir sons; significa encontrar interlocutores dispostos a reconhecer a legitimidade de outras formas de comunicação.

“Além dos degraus”, de Maria Eduarda Silva Sousa, transforma novamente a escada em metáfora e realidade da exclusão. Quando uma rampa é instalada para possibilitar a Lucas o acesso à quadra, ocorre uma inversão fundamental — não é o estudante que precisa ser modificado para caber no espaço; é o espaço que precisa transformar-se para acolher diferentes corpos. Acessibilidade deixa, assim, de aparecer como favor e assume sua verdadeira condição de direito.

Em “História da Lara”, de Ana Júlia Rodrigues da Silva, escrita, sonho e acessibilidade encontram-se. Lara deseja participar de uma competição literária e precisa enfrentar tanto barreiras arquitetônicas quanto comentários que tentam antecipadamente diminuir suas possibilidades. Ao fazer da própria palavra um lugar de afirmação, a personagem demonstra que, muitas vezes, os obstáculos mais difíceis não são construídos de concreto, mas de preconceitos.

Em “O menino autista que sonhava com o futebol”, de Mirella de Sousa Rocha, Gabriel é apresentado para além do autismo. Ele gosta de futebol, desenha, possui ídolos, enfrenta desconfortos diante de ruídos e mudanças de rotina e, sobretudo, constrói sonhos. Sua trajetória recorda que nenhuma condição pode funcionar como sentença antecipada sobre aquilo que uma pessoa poderá ou não realizar.

No conto de Gabriel Nascimento Alves, ainda identificado no original como “Pietro e o Tempo”, Pietro conduz o leitor por uma reflexão sensível sobre tempo, memória, afetividade e finitude. Usuário de cadeira de rodas, ele passa a atribuir novos sentidos à praia, ao nascer do sol, às conversas, aos amigos e à possibilidade de expressar o amor. Sua história nos recorda que uma existência jamais pode ser resumida à deficiência — antes dela, ao redor dela e para além dela, existe uma vida inteira.

“Ndaipóri Okyhyjéva, Ndaipóri Okyhyjéva, Ndaipóri Okyhyjéva...”, de João Emanuel Carvalho Mesquita, introduz ao conjunto uma dimensão marcada pela ancestralidade, identidade indígena, memória, pertencimento e deficiência visual. “Ndaipóri Okyhyjéva, Ndaipóri Okyhyjéva, Ndaipóri Okyhyjéva...” aprende a perceber a floresta pelos sons, cheiros, texturas e movimentos e, entre conflitos e reencontros, transforma sua experiência em possibilidade de aproximação entre povos. Sua deficiência não o afasta do pertencimento; integra a forma singular pela qual ele conhece e habita o mundo.

Em “Um diferente ponto de percepção”, de João Luiz Sousa Barbosa Neto, a deficiência visual novamente nos convida a reconsiderar o significado de perceber. O cotidiano demonstra que conhecer um espaço não depende exclusivamente da visão. O corpo produz seus próprios mapas por meio de sons, texturas, cheiros, memórias, distâncias e referências sensoriais. O conto ensina que perceber diferentemente não significa perceber menos.

Em “Quando aprendi a ser ouvido”, de Pablo Ferreira Paixão, Yago encontra na Libras, no apoio familiar, nas mudanças das práticas docentes e na disposição dos colegas possibilidades concretas de pertencimento. O personagem não precisa esconder sua deficiência auditiva nem permitir que outros falem permanentemente em seu lugar. Inclusão significa criar condições para que sua própria voz — expressa em sua própria língua — possa participar da comunidade.

Em “As mãos que queriam ser ouvidas”, de Maria Aparecida Ferreira Rodrigues, a experiência de uma adolescente surda evidencia que comunicar-se é também uma forma de pertencer. Usuária de Libras, a personagem deseja compartilhar seus desenhos, conversar sobre livros, participar das atividades e estabelecer relações com os colegas, mas encontra uma escola em que poucos conseguem dialogar em sua língua. Quando Ana manifesta o desejo de aprender Libras, abre-se uma possibilidade de encontro que desloca a responsabilidade da comunicação — não é somente a pessoa surda que deve esforçar-se para ser compreendida; a comunidade também precisa aprender outras maneiras de escutar. Nesse conto, as mãos não substituem a voz — elas próprias são voz, linguagem e presença.

Em “O caminho de todos os dias”, de Carolline Mendes Ribeiro, Lucas transforma um percurso aparentemente banal entre sua casa e a escola em revelação das barreiras que muitas pessoas sequer percebem. Buracos nas calçadas, ausência de rampas e caminhos inadequados demonstram que o problema não está na cadeira de rodas nem na capacidade do personagem de locomover-se, mas em uma cidade planejada sem considerar diferentes formas de mobilidade. Ao reivindicar autonomia, Lucas recusa tanto a exclusão quanto a ideia de que inclusão seja fazer tudo por ele. Seu desejo é mais simples e, justamente por isso, profundamente político — poder circular pela cidade com liberdade. A narrativa nos lembra de que um caminho somente pode ser chamado de público quando

efetivamente pode ser percorrido por todos.

Em “Eu também posso”, de Maria Eduarda Ferreira Soares, Ana encontra na arte uma maneira de afirmar sua identidade para além da cadeira de rodas. Ao decidir expor seus desenhos em uma feira cultural, a personagem transforma aquilo que inicialmente era insegurança em possibilidade de expressão e reflexão. Seus desenhos sobre diferenças e acessibilidade questionam o olhar que enxerga primeiro a deficiência e somente depois a pessoa. Ana não reivindica admiração extraordinária nem deseja ser transformada em exemplo de superação; reivindica oportunidade. Ao afirmar-se como estudante, filha, amiga, desenhista e menina cheia de sonhos, recorda-nos que nenhuma característica isolada é capaz de resumir uma existência.

Em “Gil e o sonho de tocar o coração”, de Lanna Gabrielly de Sousa Ferreira, a coletânea adquire uma dimensão particularmente sensível ao acompanhar Gil, personagem com mielomeningocele e hidrocefalia cuja trajetória é atravessada por cirurgias, hospitalizações e interrupções, mas também pelo amor aos estudos e pelo desejo de continuar construindo seu futuro. A cadeira de rodas constitui parte de sua experiência, sem esgotar aquilo que ele é. Entre a escola e os hospitais, Gil demonstra que uma pausa imposta pelas necessidades do corpo não significa desistência dos projetos que conferem sentido à existência.

Em “Quando o coração dança”, de Lauany Benevides Ribeiro, Joaninha encontra na dança uma linguagem para expressar aquilo que sente. A deficiência visual não elimina seu desejo de tornar-se bailarina — ela aprende os movimentos por meio da repetição, da orientação, da memória corporal e da percepção do espaço, revelando outras possibilidades de relação entre corpo, música e movimento. Quando finalmente ocupa o palco, o que está em jogo não é uma narrativa de “vitória sobre a deficiência”, mas o enfrentamento das barreiras e do preconceito que tentavam determinar antecipadamente quais sonhos seriam permitidos a ela. Joaninha não precisa enxergar o palco para reconhecer que também possui o direito de estar nele.

Em “Eu também chego lá”, de Kaik Coelho de Sá, Théo é apresentado antes de tudo por aquilo que o constitui como criança — gosta de dragões, futebol, livros, pão de queijo e sonha em tornar-se engenheiro para construir pontes. A cadeira de rodas integra sua vida, mas não ocupa o lugar de sua identidade inteira. Durante uma gincana escolar, um obstáculo arquitetônico coloca à prova não a capacidade do menino, mas a capacidade da própria comunidade de construir uma solução que não deixe ninguém para trás. Quando os colegas se unem para tornar o percurso possível, a narrativa materializa uma das ideias fundamentais desta coletânea — inclusão não é carregar o outro, substituí-lo ou realizar as coisas em seu lugar; é construir coletivamente condições para que ele também possa realizá-las.

Em “O meu jeito de ver o mundo”, de Pedro Lucas Carvalho Santana, Francisco apresenta ao leitor uma experiência marcada pelo autismo, pela aprendizagem em ritmos próprios e pelo desejo profundamente humano de participar. Na escola, precisa algumas vezes de mais tempo ou de apoio, prefere em determinados momentos permanecer quieto e percebe detalhes que frequentemente passam despercebidos aos demais. O conflito surge justamente quando essas diferenças são interpretadas pelos colegas como incapacidade e se transformam em motivo de exclusão. A trajetória de Francisco desloca a pergunta sobre aquilo

que ele não consegue fazer para tudo aquilo que sabe, percebe, deseja e ainda pode aprender. Seu modo particular de compreender o mundo não precisa ser corrigido para tornar-se legítimo; também ele possui algo a ensinar.

Por fim, em “Além das rodas”, de Ananda Ewellyn de Andrade Coelho, Laura chega a uma nova escola trazendo consigo expectativas comuns a tantos adolescentes — conhecer pessoas, fazer amizades e viver novas experiências. Entretanto, encontra escadas, uma rampa inadequada, ambientes de difícil acesso e um banheiro que não contempla plenamente suas necessidades. A narrativa deixa claro que Laura não deseja pena nem que façam por ela aquilo que pode realizar sozinha; deseja autonomia e condições de participação. Ao propor, durante uma feira cultural, a construção de uma maquete de escola acessível, a personagem transforma sua própria experiência em reflexão coletiva. Rampas, elevadores, banheiros adaptados e outros recursos deixam de ser detalhes arquitetônicos para representar uma concepção de escola na qual entrar, circular, aprender e participar sejam direitos efetivamente compartilhados.

Percorridas em conjunto, essas narrativas formam um mosaico de corpos, linguagens, experiências, afetos, barreiras e possibilidades. Há nelas deficiência física, visual e auditiva; autismo; diferentes modos e ritmos de aprendizagem; condições corporais pouco discutidas; vulnerabilidade social; ancestralidade; esporte; escola; família; trabalho; amizade; tecnologia; arte; cidade; memória e sonhos. Essa diversidade não fragmenta a coletânea. Ao contrário, constitui sua unidade mais profunda.

É nesse encontro que Edupluriversência deixa de ser apenas a palavra escolhida para nomear o livro e se revela como princípio educativo. Compreendemos a Edupluriversência como uma perspectiva que reconhece a coexistência de múltiplas formas de ser, aprender, comunicar, sentir, perceber, movimentar-se e produzir conhecimentos. Educar, nessa perspectiva, não significa fazer com que diferentes sujeitos se ajustem a um modelo previamente estabelecido, mas transformar práticas, relações e espaços para que a pluralidade possa efetivamente existir. Por isso, três verbos sustentam esta coletânea. Existir é ocupar o mundo sem precisar pedir desculpas pela própria diferença.

Resistir é confrontar barreiras arquitetônicas, comunicacionais, pedagógicas e atitudinais, assim como preconceitos, capacitismos e expectativas que pretendem determinar antecipadamente aquilo que alguém pode ser. Reexistir é reconstruir caminhos, produzir outros sentidos para a própria trajetória e transformar os espaços para que outras existências também possam neles florescer.

Esses verbos atravessam cada história de maneira particular. Estão nas mãos que deixam de se esconder, no chute que alcança o gol, na corrida concluída em outro ritmo, no desenho percebido pelo tato, nas mãos que falam em Libras, na cadeira de rodas que encontra uma rampa, na cidade imaginada para todos, no estudante que aprende de outra maneira, na floresta reconhecida por outros sentidos, no sonho profissional que não aceita ser diminuído e na voz que encontra condições para ser ouvida.

Esta obra possui, portanto, natureza essencialmente pedagógica. Os textos nasceram de uma experiência de produção literária desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa e preservam as marcas de estudantes-autores em processo de formação: criatividade, experimentação, referências juvenis, fantasia, humor, dramaticidade, afetividade, inquietações e diferentes modos de construir a lin-

guagem literária. As narrativas não pretendem falar definitivamente em nome das pessoas com deficiência, tampouco transformar personagens ficcionais em representações universais. São exercícios de alteridade e aprendizagem — tentativas de imaginar outras perspectivas e, por intermédio da literatura, interrogar preconceitos, estereótipos e práticas capacitistas.

Depois de atravessar essas histórias, talvez já não seja suficiente perguntar o que uma pessoa com deficiência consegue ou não fazer. Outras perguntas tornam-se necessárias: Que barreiras construímos? Que vozes deixamos de escutar? Que espaços continuam impedindo determinadas presenças? Quantas vezes confundimos cuidado com retirada de autonomia? Por que esperamos que determinadas pessoas demonstrem continuamente sua capacidade para terem reconhecido o direito de participar? A literatura talvez não ofereça respostas definitivas para essas questões. Sua potência reside também em ensinar-nos a perguntar. Nas páginas desta coletânea, percebem o mundo por diferentes sentidos, comunicam-se por diferentes linguagens, percorrem caminhos de diferentes maneiras, aprendem em outros ritmos, reinventam projetos, constroem pontes e transformam espaços. Nenhum deles está aqui para despertar pena. Estão aqui porque possuem histórias, desejos, conflitos, afetos, memórias e futuros.

Que “Chuvessia” nos ensine que não precisamos esperar que tudo em nós se transforme para começarmos a viver. Que Heitor, Marina, Lucas, Helena, Samuel, Lara, Gabriel, Pietro, Sofia, Arandu, Henry, Yago e tantos outros personagens que habitam estas páginas permaneçam conosco não como exemplos de “superação” a serem contemplados à distância, mas como sujeitos ficcionais que nos desafiam a interrogar o mundo que construímos. Que cada conto seja uma porta. Que cada personagem seja um encontro. Que cada diferença seja compreendida não como ausência, mas como outra possibilidade de presença.

E que, ao fechar este livro, o leitor perceba que talvez tenha acontecido algo silencioso, porém profundamente educativo — não foram esses personagens que precisaram caber em nossa maneira de enxergar o mundo; fomos nós que precisamos ampliar o nosso olhar para que outros mundos também coubessem nele. Isso é existir. Isso é resistir. Isso é reexistir. Isso é Edupluriversência.

Prof. Dr. Josimar Soares da Silva

Organizador

SUMÁRIO

Capítulo I 17
CHUVESSIA: O SEGREDO DAS ÁGUAS
Josimar Soares da Silva

Capítulo II 21
O DESRESPEITO COM O DIFERENTE
Karlos Eduardo Alves Barbosa

Capítulo III 24
O CHUTE QUE NINGUÉM ACREDITAVA
Allek Felipe Mendes da Silva

Capítulo IV 25
O DIA DA CORRIDA
Sawan Santana Silva

Capítulo V 27
NOVOS CAMINHOS
Sara Jovita Lopes Rodrigues

Capítulo VI 30
O SILÊNCIO FALA
Djane Alencar Oliveira

Capítulo VII 32
O SOM DO MEU SILÊNCIO
Rodrigo da Silva Oliveira

Capítulo VIII 35
ALÉM DOS DEGRAUS
Maria Eduarda Silva Sousa

Capítulo IX 37
HISTÓRIA DA LARA
Ana Júlia Rodrigues da Silva

Capítulo X 39
O MENINO AUTISTA QUE SONHAVA COM O FUTEBOL
Mirella de Sousa Rocha

Capítulo XI 42
PIETRO E O TEMPO
Gabriel Nascimento Alves

Capítulo XII 44
“NDAIPÓRI OKYHYJÉVA, NDAIPÓRI OKYHYJÉVA, NDAIPÓRI OKYHYJÉVA...”
João Emanuel Carvalho Mesquita

Capítulo XIII 49
UM DIFERENTE PONTO DE PERCEPÇÃO
João Luiz Sousa Barbosa Neto

Capítulo XIV 52
O CAMINHO DE TODOS OS DIAS
Carolline Mendes Ribeiro

Capítulo XV 55
EU TAMBÉM POSSO
Maria Eduarda Ferreira Soares

Capítulo XVI 58
GIL E O SONHO DE TOCAR O CORAÇÃO
Lanna Gabrielly de Sousa Ferreira

Capítulo XVII 60
QUANDO O CORAÇÃO DANÇA
Lauany Benevides Ribeiro

Capítulo XVIII 64
EU TAMBÉM CHEGO LÁ
Kaik Coelho de Sá

Capítulo XIX 67
O MEU JEITO DE VER O MUNDO
Pedro Lucas Carvalho Santana

Capítulo XX 69
ALÉM DAS RODAS
Ananda Ewellyn de Andrade Coelho

Capítulo XXI 72
QUANDO APRENDI A SER OUVIDO
Pablo Ferreira Paixão

Capítulo XXII 74
UM FRASCO CHEIO DE DEPOIS
Josimar Soares da Silva

Capítulo XXIII 79
ESTÉTICA - A BELEZA DE CADA UM
Wanda Beatriz Ferreira Rodrigues
Capítulo XXIV 81
AS MÃOS QUE QUERIAM SER OUVIDAS
Maria Aparecida Ferreira Rodrigues

APRESENTAÇÃO

Quando escrever também é aprender a reconhecer o outro.

A escola é feita de encontros. Encontros entre sujeitos, conhecimentos, experiências, linguagens e diferentes maneiras de compreender o mundo. Quando esses encontros ultrapassam a transmissão de conteúdos e se transformam em possibilidades de criação, autoria e reflexão, a aprendizagem adquire outros sentidos. É desse movimento que nasce *Edupluriversência: Contos de Existir, Resistir e Reexistir – Volume II*.

Esta coletânea é resultado de uma experiência pedagógica desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa com estudantes do Curso Técnico em Administração integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, Campus São João do Piauí. A proposta articulou leitura, literatura e produção textual a uma reflexão sobre inclusão, diversidade, acessibilidade, respeito às diferenças e protagonismo das pessoas com deficiência.

Mais do que solicitar a escrita de um conto como atividade escolar, o trabalho propôs aos estudantes um exercício de deslocamento do olhar. O desafio consistia em construir narrativas nas quais pessoas com deficiência não ocupassem apenas posições secundárias, nem aparecessem exclusivamente como objetos de cuidado, compaixão ou dependência. Elas deveriam ocupar o centro das histórias como sujeitos de suas próprias experiências.

Assim, nasceram personagens que estudam, trabalham, praticam esportes, produzem arte, constroem amizades, apaixonam-se, enfrentam preconceitos, experimentam medos, tomam decisões, reivindicam acessibilidade, descobrem outras formas de aprender e projetam futuros. Em diferentes contextos ficcionais, os estudantes-autores foram convidados a compreender que uma pessoa não pode ser reduzida à sua deficiência.

O processo de escrita constituiu-se, dessa maneira, como prática de aprendizagem da própria Língua Portuguesa e, simultaneamente, como experiência de formação humana. Produzir uma narrativa exigiu mobilizar elementos próprios do gênero conto — personagens, narrador, espaço, tempo, conflito, clímax e desfecho —, mas exigiu também pesquisar, imaginar, revisar concepções e refletir sobre a maneira como a diferença é representada pela linguagem.

A escrita passou, assim, a assumir uma dimensão que ultrapassa a avaliação escolar. Escrever tornou-se uma forma de perguntar. Como é viver em uma cidade que não oferece acessibilidade? Como participar de uma aula quando a comunicação não contempla diferentes necessidades? O que acontece quando uma escada determina quem pode ou não entrar em determinado espaço? Como o preconceito interfere na construção dos sonhos? De quantas maneiras podemos aprender, comunicar, perceber, sentir e experimentar o mundo?

As respostas construídas pelos estudantes não pretendem ser definitivas. Tampouco os personagens criados devem ser compreendidos como representações universais das pessoas com deficiência. Cada experiência humana é singular. Os contos são produções ficcionais de jovens autores em formação e, justamente

por isso, revelam tentativas de aproximação, questionamento e construção de novos olhares. Essa dimensão é fundamental para compreender a natureza desta obra.

Edupluriversência: Contos de Existir, Resistir e Reexistir – Volume II é, antes de tudo, um produto pedagógico. Sua publicação registra e valoriza um processo educativo no qual o estudante deixa de ocupar somente a posição de leitor ou receptor de conhecimentos e passa a assumir também o lugar de autor.

Há uma diferença significativa entre escrever apenas para que o professor leia e escrever sabendo que outras pessoas poderão encontrar nossas palavras. Quando o texto ultrapassa as fronteiras do caderno ou da atividade avaliativa e passa a integrar uma coletânea, a escrita adquire dimensão social. O estudante percebe que possui algo a dizer e que sua palavra pode circular, produzir sentidos, provocar reflexões e dialogar com outros leitores.

É nesse horizonte que se inscreve o conceito que nomeia esta obra: Edupluriversência. A Edupluriversência nasce da compreensão de que educar implica reconhecer a pluralidade dos universos e das experiências humanas presentes nos espaços educativos. O termo articula educação, pluralidade, universo e experiência, propondo uma perspectiva em que diferentes maneiras de existir, aprender, comunicar, sentir e produzir conhecimento sejam reconhecidas como constitutivas da experiência educacional. Não se trata apenas de admitir que existem diferenças. Trata-se de compreender que a diferença também educa.

Cada sujeito que chega à escola traz consigo uma maneira particular de experimentar o mundo. Há diferentes corpos, ritmos, histórias, identidades, formas de aprender, comunicar-se, relacionar-se e produzir conhecimentos. Uma educação comprometida com a pluralidade não procura apagar essas diferenças para produzir uma suposta homogeneidade; cria condições para que elas possam coexistir, dialogar e participar.

Por essa razão, os três verbos presentes no subtítulo desta coletânea — existir, resistir e reexistir — constituem também uma chave para sua leitura. Existir representa o direito fundamental de ser reconhecido em sua integralidade, sem precisar corresponder a um modelo único de corpo, aprendizagem, comunicação ou comportamento.

Resistir aponta para o enfrentamento das barreiras arquitetônicas, comunicacionais, pedagógicas e, sobretudo, atitudinais que ainda produzem exclusões e restringem a participação de diferentes sujeitos. Reexistir, por sua vez, significa reconstruir possibilidades, produzir novos sentidos, ocupar espaços anteriormente negados e imaginar outras formas de convivência nas quais a diferença não determine quem possui ou não o direito de pertencer. É significativo que essas reflexões tenham sido construídas por meio da literatura.

A ficção possibilita experimentar outros lugares sem pretender apropriar-se das experiências daqueles que os ocupam. Ao construir personagens diferentes de si, os estudantes precisaram imaginar perspectivas, conflitos e sentimentos que talvez não fizessem parte de suas experiências imediatas. Nesse movimento, a literatura torna-se exercício de alteridade.

Entretanto, esta coletânea também reconhece os limites desse exercício. Escrever ficcionalmente sobre a experiência de uma pessoa com deficiência não significa falar por todas as pessoas com deficiência. As narrativas aqui reunidas

são construções literárias produzidas em contexto escolar e devem ser compreendidas como parte de um processo formativo, no qual aprender a escrever também significou aprender a questionar estereótipos e rever concepções.

Por isso, preservam-se nesta obra as singularidades das vozes estudantis. Cada conto carrega escolhas linguísticas, referências culturais, universos imaginativos, sensibilidades e modos particulares de narrar. Há histórias realistas e outras marcadamente ficcionais; há esporte, escola, família, amizade, trabalho, aventura, memória, tecnologia, afetividade e ancestralidade. Essa diversidade não constitui uma fragilidade da coletânea. Constitui sua própria identidade.

O que une essas diferentes narrativas é a tentativa de colocar em evidência uma pergunta essencial — que sociedade está construindo quando determinadas pessoas ainda precisam lutar pelo direito de entrar, comunicar-se, aprender, trabalhar, circular e participar? Tal pergunta desloca a discussão da deficiência como atributo exclusivamente individual para a responsabilidade coletiva de construir espaços mais acessíveis e relações menos capacitistas.

Assim, publicar esta coletânea significa reconhecer o trabalho dos estudantes e, ao mesmo tempo, reafirmar uma concepção de educação que acredita na potência da autoria juvenil. Significa compreender que ensinar Língua Portuguesa não se restringe ao domínio de estruturas gramaticais ou técnicas de produção textual. Ensinar língua também é criar condições para que os estudantes utilizem a palavra para interpretar a realidade, elaborar experiências, produzir literatura e posicionar-se diante das questões humanas de seu tempo.

Cada página que segue carrega, portanto, mais do que um exercício de escrita. Carrega uma experiência de formação. Carrega uma tentativa de olhar o outro sem reduzi-lo. Carrega a descoberta de que acessibilidade não é favor. Carrega a compreensão de que autonomia não significa ausência de apoio. Carrega o reconhecimento de que nenhuma deficiência resume uma existência. E, sobretudo, carrega a palavra de jovens que descobriram que também podem ser autores.

Ao entregarmos *Edupluriversência: Contos de Existir, Resistir e Reexistir – Volume II* aos leitores desejamos que esta obra seja recebida como aquilo que essencialmente representa — um território pedagógico de autoria, literatura, inclusão e pluralidade. Que os contos sejam lidos não apenas pelo que narram, mas pelas perguntas que deixam. Que os personagens sejam encontrados em sua humanidade, e não reduzidos às suas deficiências. Que as diferenças presentes nestas páginas nos ajudem a perceber aquelas que compartilham conosco os espaços da escola e da sociedade. E que a leitura nos recorde de algo fundamental: uma escola verdadeiramente plural não é aquela em que todos precisam aprender comunicar-se e existir da mesma maneira, mas aquela capaz de transformar-se para que diferentes maneiras de existir possam pertencer. É nesse espaço de pertencimento que a Edupluriversência encontra seu sentido.

Prof. Dr. Josimar Soares da Silva

Organizador



Capítulo I

CHUVESSIA: O SEGREDO DAS ÁGUAS

Josimar Soares da Silva

Durante muito tempo, achei que minhas mãos sabiam mais sobre mim do que eu mesmo. Elas me denunciavam antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, revelavam meu nervosismo, minha vergonha, meu medo de ser percebido. Bastava que alguém se aproximasse para um cumprimento ou que o professor distribuísse uma prova para que eu sentisse primeiro um calor discreto nas palmas e, em seguida, aquela umidade conhecida se formando entre os dedos, crescendo devagar, insistente, como se meu corpo produzisse uma espécie de chuva particular que apenas eu precisava enfrentar. Meus pés também suavam, às vezes tanto que as meias permaneciam molhadas durante horas e os chinelos escorregavam, mas eram as mãos que mais me incomodavam, talvez porque as mãos existem para encontrar o mundo. A gente toca, cumprimenta, escreve, segura, oferece, recebe. E eu cresci pensando que as minhas precisavam permanecer escondidas.

Nossa casa ficava no fim de uma rua de terra, numa parte do bairro onde quase todas as famílias conheciam o costume de adiar alguma coisa. Adiava-se a compra de um sapato, o conserto do telhado, a troca do fogão, a consulta, o remédio, a reforma prometida para o próximo mês. O dinheiro chegava cansado e partia depressa. Meu pai aceitava qualquer serviço que aparecesse e voltava no final da tarde trazendo nos ombros uma exaustão que eu só fui compreender depois de crescer. Minha mãe fazia faxinas e lavava roupas para outras pessoas, e eu me acostumei a vê-la chegar a casa com os dedos enrugados de água e sabão. Naquela época, eu ainda não entendia a diferença entre as mãos dela e as minhas. As mãos de minha mãe molhavam porque trabalhavam. As minhas molhavam simplesmente porque existiam. Ainda assim, nunca passamos fome de verdade, ou pelo menos era nisso que eu acreditava, porque só mais tarde percebi quantas vezes minha mãe dizia que já tinha comido para deixar mais um pouco no prato dos filhos e quantas vezes meu pai inventava não precisar de alguma coisa para que a casa precisasse um pouco menos.

Foi na escola que descobri que meu corpo podia ser motivo de riso. Eu devia ter uns oito anos quando um menino segurou minha mão durante uma brinca-

deira e a soltou imediatamente, limpando a própria palma na bermuda, como se tivesse encostado-se a alguma coisa estragada. Os outros riram. Eu também. Só depois compreendi que há risadas que nascem da alegria e há outras que servem para esconder onde fomos feridos. A partir daquele dia, comecei a observar minhas mãos com desconfiança. Antes de cumprimentar alguém, eu as secava na calça; quando entregava um caderno, segurava-o pelas pontas; se alguém sugeria uma brincadeira em roda, eu tentava encontrar uma desculpa. Aos poucos, inventei uma maneira de estar no mundo sem tocar muito nele. Aprendi a enfiar as mãos nos bolsos, a cruzar os braços, a segurar livros junto ao peito, a evitar o aperto de mão e a transformar cada gesto espontâneo em cálculo.

Os cadernos eram outra batalha. Eu gostava de estudar e isso tornava tudo um pouco mais doloroso, porque escrever significava encostar a palma no papel e assistir às folhas se enrugarem sob meus dedos. A tinta da caneta às vezes borrava, a lateral das páginas ficava úmida e eu precisava colocar uma folha dobrada entre a mão e o caderno para impedir que tudo se molhasse. Fazia isso discretamente, como quem pratica um pequeno ritual de sobrevivência. Minha mãe sempre dizia que eu precisava cuidar do material, porque outro caderno só viria quando fosse possível comprar, e talvez por isso eu sofresse tanto quando via as páginas marcadas. Não era apenas papel. Em nossa casa, cada objeto carregava o peso daquilo que custara para existir.

Na adolescência, tudo piorou. Não sei se minhas mãos passaram a suar mais ou se fui eu que comecei a me enxergar demais. Aos quinze anos, qualquer olhar parecia julgamento, qualquer cochicho parecia ter meu nome, qualquer aproximação poderia terminar em constrangimento. As provas eram os momentos mais difíceis. O nervosismo aumentava o suor, e o suor aumentava o nervosismo, como se meu corpo construísse uma armadilha para si mesmo. Certa manhã, enquanto respondia a uma avaliação, senti o papel amolecer sob minha mão. Continuei escrevendo, tentando ignorar, até que a folha rasgou perto de uma resposta. Chamei o professor e pedi outra. Ele quis saber o que havia acontecido. Eu poderia ter inventado uma desculpa, dizer que derramara água, que a folha já estava fraca, qualquer coisa. Mas respondi apenas que minha mão suava demais. Foi estranho ouvir minha própria voz dizer aquilo diante de outras pessoas. Até então, a vergonha existia principalmente dentro de mim. Naquele momento, ela ganhou som.

Naquela tarde, peguei o celular antigo de minha mãe e comecei a pesquisar. A tela tinha uma rachadura que atravessava um dos cantos e a internet demorava a carregar, mas eu continuei tentando: mãos que suam muito, pés molhados sem calor, suor excessivo. Foi assim que encontrei uma palavra que parecia ter sido escrita para explicar uma parte inteira da minha vida: hiperidrose. Li devagar, voltei, li de novo. Havia outras pessoas. Havia explicações. Havia médicos, tratamentos, procedimentos, possibilidades. Por alguns minutos, senti uma alegria quase infantil, como se finalmente tivesse encontrado a porta de saída de um quarto em que eu permanecera preso durante anos.

Mostrei tudo à minha mãe. Ela estava na cozinha separando feijão, retirando um a um os grãos quebrados e as pequenas pedras que apareciam entre eles. Li para ela algumas informações e falei depressa sobre tratamento, consulta, especialista, solução. Ela ouviu em silêncio e prometeu que procuraríamos ajuda. Procuramos. E foi então que descobri que, para uma família como a nossa, saber que uma solução existe não significa necessariamente poder alcançá-la naquele

momento. Havia deslocamentos, consultas, exames, possibilidades de tratamento que poderiam exigir dinheiro que não tínhamos. Lembro-me de minha mãe sentada à mesa com um pedaço de papel, somando despesas, riscando números e recomeçando. Lembro-me de sentir vergonha por precisar de alguma coisa que custasse mais do que nossa casa podia oferecer. Na volta, ela disse que faria o possível. Eu respondi que sabia. Naquela noite, chorei escondido, não apenas porque minhas mãos continuariam suando, mas porque percebi que até mesmo o sofrimento obedece, às vezes, ao preço das coisas.

Depois disso, passei algum tempo com raiva de mim mesmo. É difícil admitir, mas houve dias em que eu odiava minhas mãos. Odiava os pés molhados dentro dos sapatos, odiava o papel enrugado, odiava o gesto automático de secar a palma na roupa antes de tocar alguém. Quando diziam que era apenas suor, eu não respondia. Talvez fosse mesmo apenas suor para quem olhava de fora. Para mim, era o medo de apertar a mão de alguém e vê-la ser retirada depressa. Era recusar uma brincadeira. Era esconder um pano na mochila. Era escolher onde sentar, como escrever, como entregar um objeto. Era imaginar, quando eu gostava de alguém, se teria coragem de tocar sua mão. As coisas mais simples se tornavam ensaiadas, e o que deveria ser natural passava a exigir preparação.

A mudança começou numa apresentação de trabalho. Não aconteceu nada extraordinário. Talvez as mudanças verdadeiras raramente façam barulho. Eu estava diante da turma com algumas folhas nas mãos quando percebi que elas começavam a ficar molhadas. Uma gota caiu perto de uma frase e ouvi uma risada baixa no fundo da sala. Senti o velho impulso de esconder, secar, fingir, continuar como se nada estivesse acontecendo. Mas eu já estava cansado de passar a vida inteira fingindo que meu corpo precisava pedir desculpas. Parei a apresentação e expliquei que aquilo tinha um nome, que minhas mãos e meus pés suavam de forma excessiva, que eu não podia simplesmente desligar aquilo como quem fecha uma torneira. Minha voz tremeu, mas continuei. Disse que talvez parecesse engraçado, mas que, para quem vivia aquilo todos os dias, não era. Depois terminei o trabalho. Minhas mãos continuaram molhadas. Nada desapareceu. Ainda assim, quando voltei para o lugar, percebi que alguma coisa dentro de mim havia se deslocado.

Foi a primeira vez que entendi que eu não precisava esperar meu corpo mudar para começar a viver de outro jeito. Aos poucos, passei a explicar minha condição quando era necessário. Parei de esconder tanto o pano que carregava comigo. Conversei com professores quando precisava de alguma adaptação para escrever por mais tempo. Algumas pessoas entendiam, outras não. Descobri que nem todos precisariam compreender para que eu pudesse existir com menos vergonha. Também comecei a estudar mais sobre o corpo, sobre doenças, condições, tratamentos, diferenças. Talvez por isso tenha surgido em mim um interesse inesperado pela área da saúde. Quanto mais eu aprendia, menos meu corpo parecia um inimigo. Não se tornou fácil, apenas deixou de parecer uma sentença.

Lembro-me especialmente de um aluno novo que chegou à escola no início de um semestre. No intervalo, ele se aproximou, perguntou meu nome e estendeu a mão. Fiz o movimento de sempre, passando a palma na calça antes de cumprimentá-lo. Ele perguntou o que havia acontecido e respondi que minha mão suava muito. Ele apenas manteve a mão estendida, como se aquilo fosse à informação menos importante do mundo. Eu a apertei. Minha mão estava úmida. Ele não limpou a dele depois, não fez comentário, não desviou o olhar. Con-

tinuou conversando sobre qualquer assunto que hoje nem consigo lembrar. O mais curioso é que aquele gesto, tão pequeno para ele, ficou enorme dentro de mim. Passei anos acreditando que tocar alguém era sempre correr o risco de ser rejeitado e, naquele dia, descobri que algumas pessoas simplesmente permanecem.

Hoje tenho dezesseis anos. Minhas mãos ainda suam. Meus pés também. Ainda existem dias ruins, dias em que me irrito, em que desejo não precisar pensar nisso, em que preferia ter um corpo que não me obrigasse a explicar certas coisas. Continuamos procurando acompanhamento dentro das possibilidades que temos. Minha família continua sem dinheiro sobrando, meu pai continua saindo cedo para trabalhar, minha mãe continua fazendo contas na mesa da cozinha, e nossa casa ainda conhece o hábito de adiar aquilo que pode esperar. Mas eu já não adio tanto a mim mesmo.

Quero entrar numa universidade. Talvez eu escolha alguma profissão da área da saúde, talvez não. Tenho dezesseis anos e ainda me permito mudar de sonho. Mas existe uma cena que imagino muitas vezes. Estou em uma cerimônia de formatura. Vejo minha mãe na plateia, com uma roupa escolhida especialmente para aquele dia, e meu pai tentando parecer sério para ninguém perceber que está emocionado. Meus irmãos fazem barulho quando anunciam meu nome. Eu caminho até a frente e alguém coloca um diploma em minhas mãos. Justamente nelas. Nas mesmas mãos que escondi nos bolsos, que sequei milhares de vezes na roupa, que molharam cadernos, borraram palavras, rasgaram uma prova e me fizeram acreditar durante tanto tempo que existia alguma coisa em mim que precisava desaparecer.

Talvez elas estejam suadas nesse dia. É provável que estejam. Mas gosto de imaginar que não vou secá-las antes de receber o diploma. Quero segurá-lo assim mesmo, com aquelas mãos que tantas coisas carregaram antes dele. Elas carregaram livros, cadernos, sacolas para minha mãe, ferramentas para meu pai, lágrimas que não queria que ninguém visse e um medo que durante anos pareceu maior do que eu. Carregaram também palavras, muitas palavras, e talvez por isso eu tenha aprendido que há coisas que só deixam de nos aprisionar quando conseguimos narrá-las.

Hoje não penso mais em superação como uma linha que separa um antes ruim de um depois perfeito. Não houve cura milagrosa, não fiquei livre de tudo aquilo que me incomodava, não acordei transformado. A vida não funciona assim. Algumas coisas permanecem conosco e nos obrigam a encontrar outra maneira de habitá-las. Talvez superar seja isso: deixar de esperar que tudo desapareça para começar a viver apesar do que permanece.

Durante muito tempo, pedi em silêncio para ter outras mãos. Hoje, já não peço. Quero outras oportunidades, outros caminhos, outros lugares para alcançar. Estas mãos podem vir comigo. Afinal, foram elas que escreveram cada página daquilo que sou. E, se um dia estiver diante de uma sala cheia de pessoas, segurando um diploma, um livro, um instrumento de trabalho ou simplesmente a mão de alguém que escolheu ficar, talvez eu finalmente compreenda por inteiro aquilo que hoje começo a aprender: nunca foi o suor que definiu minhas mãos. Foi tudo o que elas tiveram coragem de continuar segurando.



Capítulo II

O DESRESPEITO COM O DIFERENTE

Karlos Eduardo Alves Barbosa

Olá, meu nome é Heitor. Tenho vinte e cinco anos. Sou negro e japonês, embora eu não saiba exatamente o que significa ser negro, já que não consigo diferenciar o que chamam de cores. Vivo em uma aldeia protegida pelo grande samurai Rani, que, diferente de muitos, não me olha com desprezo por causa das minhas diferenças nem pelas minhas limitações.

Meus pais, pressionados pela sociedade da aldeia, que me via como um mau agouro, saíram de casa e se esconderam em um lugar distante para me proteger.

Quando eu era pequeno, alguns homens mandaram que eu subisse uma montanha, prometendo que eu poderia brincar com seus filhos. Durante a subida, eu caí, e nessa queda minha mão foi atravessada por uma pedra pontuda. Alguns fugiram, mas outros, pelo peso da culpa, me ajudaram. Foi por isso que passei a viver longe da cidade.

Com o tempo, tornei-me amigo de alguns desses homens. Eles me ensinaram muitas coisas, mas havia situações que eu não entendia, como o fato de algumas pessoas quererem o meu mal ou me usar para objetivos próprios.

Mesmo assim, eles pareciam gostar de mim. Porém, de repente, pararam de aparecer. Meus pais disseram que eles haviam ido para um lugar distante, onde eu não poderia ir, e que, por estarem velhos, também iriam para lá. Por isso, me deixaram sob os cuidados de Rani, que me ensinaria tudo o que eu precisava para substituí-lo.

Meu sensei sempre dizia que eu deveria respeitar os outros, mesmo quando não fosse respeitado. Os aldeões não confiavam que eu podia defendê-los e faziam tumultos para me expulsar, mas Rani confiava em mim. Para provar isso, ele me colocou para enfrentar seu discípulo mais forte, Davi, conhecido como “o Dragão”.

Davi sempre me mandava limpar o chão onde treinávamos e dizia aos outros para não me ajudarem. Eu obedecia, pois acreditava que aquilo fazia parte do meu treinamento... e também porque o considerava meu amigo. Treinei

muito para não decepcioná-lo. Então chegou o grande dia. Todos os aldeões se reuniram. Caminhei até o campo de combate, sentindo o peso dos olhares vazios sobre mim.

Davi se aproximou.

— Até que enfim... vou te mostrar que você não é digno de estar aqui.

— Como assim? — perguntei.

— Você verá.

Ele avançou, e começamos a lutar. Troquei golpes com ele até que ele atingiu meu olho.

— O que você está fazendo? — perguntei, confuso.

— Estou removendo o erro deste mundo.

Antes que eu pudesse entender, um som muito alto ecoou pela aldeia. Corremos até o quarto do sensei. Ele estava caído no chão. Perto dele, uma mulher elegante, com roupas extravagantes, se apresentava como Imperatriz. Atrás dela havia um pequeno exército. O que mais me chamou atenção foi o objeto em sua mão, que soltava fumaça. Olhei para o meu sensei... depois para o objeto... e, mesmo sem entender completamente, senti que aquilo tinha relação com o que havia acontecido. Meu sensei, em seus últimos suspiros, disse:

— Proteja a todos!

E morreu. Davi tentou enfrentá-la.

— Você? — disse ele.

— Ataque — respondeu ela.

— Com muito prazer.

Um som alto ecoou novamente. Davi caiu. Corri até ele.

— Eu estava errado... você não é um erro... você é uma pessoa boa... corra... e salve o máximo de pessoas que puder... Ele morreu. Senti algo forte no peito.

Olhei para a mulher.

— Qual é o seu nome?

— Sofia.

Ela começou a falar sobre minhas características, me chamando de estranho, dizendo que eu não enxergava direito, que só tinha uma mão... que eu seria um exemplo.

Então eu disse:

— Eu sou igual a todos vocês. Na minha aldeia, todos são diferentes... mas todos merecem respeito. Segurei minha katana.

— Se você acha que sou inferior, me enfrente. Se você vencer, farei tudo o que quiser. Mas, se eu vencer, você vai embora e nunca mais volta.

Ela cuspiu em mim.

— Que ousadia...

E aceitou. Naquele momento, fiquei em posição de batalha. (Aqui é o criador

da história e peço que imaginem uma trilha sonora de ação, porque o bicho vai pegar.)

Ela retirou sua roupa elegante, revelando uma armadura leve. Colocou uma luva de ferro e entregou a arma a um soldado. Começamos a nos aproximar. Eu ataquei primeiro. Ela desviou com facilidade e me acertou um soco forte. Minha visão ficou turva. Tentei me levantar, mas levei um chute e caí novamente.

— Quer continuar?

— Siiiim...

Ela sorriu.

— Você me diverte.

Ela avançou novamente. Agora era minha katana contra os punhos de ferro dela. Ela bloqueava meus golpes e contra-atacava com força esmagadora. Minha respiração ficou pesada. Então ela parou. Tirou uma das luvas.

— Para deixar a luta mais equilibrada.

Voltamos a lutar. Agora eu conseguia acompanhar. Eu não estava mais apenas sobrevivendo. Eu estava lutando. Lembrei-me dos meus treinos. Do amanhecer ao entardecer. Ela avançou novamente e atingiu minha mão. Eu deixei minha katana cair de propósito. Ela veio para finalizar. Mas, naquele instante, girei a katana pela base e acertei sua cabeça. Ela caiu. Subi sobre ela e apontei a katana.

— Tá do lado errado — disse ela.

— Como assim?

— A katana tá do lado errado, seu burro.

— Ah... valeu.

Ela respirou fundo.

— Você venceu... o samurai estava certo.

Ela se levantou lentamente.

— Eu me casaria com quem me derrotasse... e você me derrotou. Então, ou você se casa comigo, ou será meu prisioneiro até que alguém me derrote... ou até o fim da sua vida.

— Eu nem te conheço... me dê um tempo.

— Dois meses.

Depois disso, o povo começou a me respeitar. Fizeram festas. Gritavam:

— Heitor! O herói!

No dia da resposta, eu disse:

— Eu aceito... mas com uma condição: que o nosso reino seja feliz como este lugar. Ela aceitou. Com o tempo, tudo melhorou. E eu continuei treinando. Minha história é como uma flecha: sempre haverá um lugar para onde ela aponta. Mas são as escolhas que fazemos que determinam o quão perto chegamos de onde queremos chegar.



Capítulo III

O CHUTE QUE NINGUÉM ACREDITAVA

Allek Felipe Mendes da Silva

Na periferia da cidade, onde a bola rola no chão de terra e os sonhos parecem pesados demais para alguns pés. Desde pequeno, Lucas ouvia com constância que não podia jogar futebol. Eram coisas como: “Futebol não é para você, menino!”, “Vai se machucar, melhor ficar no banco!”. Com essa limitação, não podia brincar direito. Ele não tinha chuteira adequada, não tinha campo adequado, não tinha ninguém que acreditasse nele. Tinha apenas uma bola velha e, por incrível que pareça, muletas. Sim, Lucas era um menino sonhador, mas nasceu sem a perna direita.

Mas para treinar, criava dezenas de vezes os olhares de pena, de desconfiança, de zombaria, que pesavam mais do que o calor do sol quente do Piauí. Alguns gritavam: “Sai daí! Você atrapalha!”; outros, riam quando ele tropeçava. Mas Lucas entendia: cada queda não era derrota, era treino de como se levantar mais forte.

Acordava antes do sol para praticar. Chutava com a perna esquerda até o pé doer. A deficiência, ele a transformou em combustível para a superação. Um dia, o técnico do time da cidade passou e viu não uma deficiência, mas um talento que brilhava. “Ele não joga com uma perna só, joga com a vontade de três”, disse o homem espantado.

No dia da primeira partida oficial, o silêncio no campo foi total quando ele entrou. Aos quase 20 minutos, recebeu a bola, driblou dois adversários com agilidade que ninguém esperava e chutou com força e precisão. A bola entrou onde o coruja dorme, chamada, no Piauí, de ângulo. O estádio explodiu em aplausos. Não era gol de pena, era gol de superação, de talento, de vitória. Lucas olhou com olhos cheios de alegria para a arquibancada e sorriu. Não era só bola na rede, mas também uma prova de que corpo não define o jogador, é a alma que joga dentro dele.

Hoje ele não é visto como “o menino que tem uma perna só”, mas como o craque que não deixou ninguém limitar seus sonhos. “As limitações ficam no corpo, a coragem mora em outro lugar e ela não tem barreiras.” — Lucas.



Capítulo IV

O DIA DA CORRIDA

Sawan Santana Silva

Eu sempre gostei de correr. Desde pequeno, observava meus amigos brincando

no parque e imaginava como seria sentir o vento no rosto enquanto corria o mais rápido que pudesse. Porém, eu tinha uma deficiência física e usava uma prótese em uma das pernas. Por muito tempo, achei que isso me impediria de fazer muitas coisas que eu queria.

Na escola, todos os anos aconteciam uma corrida entre os alunos. Eu sempre assistia de longe, torcendo pelos meus colegas, mas nunca tinha coragem de participar. Tinha medo de cair, de não conseguir acompanhar os outros e, principalmente, de ser motivo de piadas. Certo dia, durante a aula de educação física, minha professora se aproximou de mim.

— Você nunca pensou em participar da corrida? Fiquei em silêncio por alguns segundos.

— Já pensei, mas acho que não consigo — respondi. Ela sorriu e disse:

— Você não precisa ser o mais rápido. Só precisa acreditar que consegue chegar até o final. Suas palavras ficaram na minha cabeça durante toda a semana. Naquela noite, conversei com meus pais e contei que estava pensando em participar. Eles me disseram que eu não precisava provar nada para ninguém e que deveria fazer aquilo por mim.

No dia seguinte, comecei a treinar. Nos primeiros dias, foi difícil. Eu me cansava rapidamente e algumas vezes precisavam parar. Mesmo assim, continuava tentando. Minha professora me acompanhava durante os treinos e me ajudava a encontrar a melhor maneira de correr respeitando meus limites.

Com o passar dos dias, comecei a ganhar confiança. Eu ainda não corria tão rápido quanto os outros, mas já não tinha tanto medo de tentar. Finalmente, chegou o dia da corrida. A escola estava cheia de alunos, professores e familiares. Quando cheguei à pista, meu coração começou a bater forte. Olhei para os outros participantes e, por um instante, pensei em desistir. Então me lembrei das

palavras da minha professora: “Você não precisa ser o mais rápido. Só precisa acreditar que consegue chegar até o final.” Respirei fundo e fui para a linha de largada. O sinal foi dado, e comecei a correr.

No início, tentei acompanhar os outros alunos, mas logo percebi que não conseguiria manter o mesmo ritmo. Alguns passaram rapidamente por mim. Mesmo assim, continuei. No meio do percurso, tropecei e quase caí. Parei por alguns segundos para recuperar o equilíbrio. Foi quando ouvi meus colegas gritando meu nome. Olhei para a arquibancada e vi meus pais e minha professora torcendo por mim. Aquilo me deu forças. Levantei a cabeça e continuei correndo. Dessa vez, não me importava com quem estava na minha frente ou atrás. Eu só queria chegar ao final. Quando finalmente atravessei a linha de chegada, fui recebido por aplausos. Eu estava cansado, mas não conseguia parar de sorrir. Eu não havia vencido a corrida. Na verdade, tinha chegado entre os últimos. Mas, naquele momento, isso não importava.



Capítulo V

NOVOS CAMINHOS

Sara Jovita Lopes Rodrigues

Minha vida sempre foi simples. Eu morava em uma pequena cidade do interior e trabalhava como pescador. Desde cedo, estava acostumado com o rio, com as redes, com os peixes e com o cansaço depois de um dia inteiro de trabalho. Eu gostava da minha rotina e, mesmo com as dificuldades, não costumava reclamar.

Certo dia, enquanto estava trabalhando, machuquei um dos dedos do pé. No começo, não achei que fosse algo grave. Pensei que, com alguns dias, o machucado iria melhorar e eu poderia continuar trabalhando normalmente. Só que não foi isso que aconteceu. Os dias foram passando e o machucado continuava do mesmo jeito. Eu tinha problemas de circulação e, por causa disso, ele não conseguia cicatrizar direito. Mesmo assim, continuei trabalhando. Eu não queria parar minha vida por causa de um machucado que, para mim, parecia pequeno.

Eu estava acostumado a resolver meus próprios problemas e não queria preocupar ninguém. Enquanto isso, minha filha não sabia o que estava acontecendo. Até que um dia ela descobriu que meu pé estava machucado e decidiu ir atrás de mim. Quando ela chegou, ficou preocupada.

— Pai, por que você não me contou que estava assim? Eu tentei tranquilizá-la.

— Não é nada demais. Vai melhorar.

Mas, naquele momento, eu já sabia que talvez não fosse tão simples assim. Minha filha me levou para procurar atendimento. A partir daí, começaram as viagens, os médicos, os tratamentos e a preocupação. Foram muitos lugares diferentes na tentativa de encontrar uma solução. Cada viagem trazia uma nova esperança de que tudo pudesse voltar ao normal. Eu só queria melhorar e voltar para a minha vida. Queria poder trabalhar, andar e fazer as coisas que sempre fiz.

Mas o tempo passava e o machucado não melhorava.

Quanto mais os dias passavam, mais difícil ficava acreditar que eu conseguiria voltar a ser como antes. Eu tentava não demonstrar medo, principalmente para não preocupar minha família, mas dentro de mim existia muita preocupa-

ção. Até que chegou o dia em que os médicos precisaram tomar uma decisão difícil. Eu precisaria amputar uma das minhas pernas. Quando ouvi aquilo, fiquei sem saber o que pensar. Durante toda a minha vida, minhas pernas tinham me levado para todos os lugares. Eu trabalhava, caminhava, pescava e fazia minhas atividades normalmente. De repente, eu teria que aprender a viver sem uma delas. Foi difícil aceitar.

A cirurgia aconteceu e, depois dela, começou uma nova parte da minha história. Quando voltei para casa, percebi que muita coisa havia mudado. Eu já não conseguia me movimentar como antes e precisei começar a usar uma cadeira de rodas. Algumas coisas que pareciam muito simples passaram a exigir mais esforço e paciência.

No começo, eu queria fazer tudo sozinho, como sempre fiz. Mas precisei entender que pedir ajuda não me tornava menos forte. Minha filha continuou ao meu lado durante todo esse período. Ela percebeu que eu precisava de um lugar mais adequado para viver e decidiu construir uma casa para mim. Foi uma mudança importante, porque eu teria um espaço mais confortável e preparado para a minha nova rotina.

Depois de algum tempo, também tentei usar uma prótese. Eu tinha esperança de conseguir andar novamente. Fiz o possível para me adaptar, mas não consegui. A prótese não funcionou para mim como eu esperava e acabei deixando de usá-la. Hoje, a cadeira de rodas faz parte da minha vida.

Eu moro sozinho na casa que minha filha construiu para mim. Minha vida não é mais igual àquela de quando eu passava meus dias pescando. Existem coisas que ficaram para trás e outras que precisei aprender de uma maneira diferente. Às vezes, lembro-me de quando caminhava tranquilamente e de quando o meu maior problema era o cansaço depois de um dia de trabalho. Também sinto falta de algumas coisas, mas aprendi que não posso ficar preso ao que mudou. Eu continuo sendo a mesma pessoa.

A deficiência mudou algumas partes da minha vida, mas não mudou quem eu sou. Ainda tenho meus pensamentos, minhas vontades, minhas lembranças e minha maneira de enxergar o mundo. Hoje, quando olho para tudo o que aconteceu, percebo que aquele pequeno machucado mudou completamente o meu caminho. Eu não escolhi passar por tudo aquilo, mas precisei aprender a conviver com a minha nova realidade.

Talvez eu nunca mais volte a percorrer os mesmos caminhos de antes. Mas isso não significa que eu tenha parado de caminhar pela vida. Agora, sigo de uma maneira diferente. E, mesmo que algumas pessoas enxerguem primeiro a minha cadeira de rodas, eu prefiro que enxerguem o homem que continua sentado nela: o pescador, o pai, o avô e, acima de tudo, uma pessoa que aprendeu que existem diferentes maneiras de seguir em frente.

Minha professora se aproximou e disse:

— Eu sabia que você conseguiria.

Olhei para meus pais e para meus colegas e percebi que aquela corrida nunca tinha sido apenas sobre ganhar uma medalha. Durante muito tempo, eu havia acreditado que precisava ser igual aos outros para conseguir realizar meus sonhos. Naquele dia, descobri que não precisava. Minha deficiência fazia parte de mim, mas não definia quem eu era. Eu ainda enfrentaria dificuldades, mas tam-

bém sabia que poderia superar muitos obstáculos. Depois daquele dia, comecei a participar mais das atividades da escola. Aprendi que não precisava ser o mais rápido, o mais forte ou o melhor para me sentir capaz. Eu só precisava continuar. E, pela primeira vez, entendi que chegar mais devagar não significava chegar menos longe.



Capítulo VI

O SILÊNCIO FALA

Djane Alencar Oliveira

Eu descobri que o silêncio não era vazio. As pessoas costumavam pensar que,

por ser surda, eu não ouvia nada. Como se o mundo tivesse desligado na minha cabeça. Mas não é assim. Eu nasci surda e, desde pequena, aprendi Libras como minha primeira língua. Minha mãe aprendeu. Meu pai demorou um pouco mais, mas nunca desistiu. Em casa, nossas conversas aconteciam principalmente pelas mãos, pelos olhos e pelas expressões do rosto. Porém, na escola era diferente.

Naquela segunda-feira, cheguei alguns minutos antes do sinal tocar. Entrei na sala e encontrei meus amigos conversando.

— Bom dia — sinalizei para Ana.

— Bom dia, Alice — respondeu ela em Libras.

Sentei na minha cadeira e comecei a organizar meus materiais. Poucos minutos depois, a professora entrou. Ela começou a falar. Eu olhei para ela, esperando que percebesse que ainda estava de costas para mim. Não percebeu. Ela escreveu alguma coisa no quadro e começou a explicar. Ninguém parecia perceber que eu não estava acompanhando. Foi então que levantei a mão e a professora finalmente olhou. Apontei para minha boca e fiz o sinal de “Libras”. Ela pareceu entender.

— Ah, desculpa! — disse.

Ela continuou falando, mas agora de frente para mim. Eu conseguia fazer leitura labial em algumas situações, mas não era como assistir a uma legenda perfeita. Algumas palavras eram parecidas. Outras desapareciam quando alguém falava rápido demais. Por isso, a escola tinha uma intérprete de Libras, mas naquele dia ela havia faltado.

O problema aconteceu no intervalo. A diretora entrou na sala e começou a conversar com os alunos. Eu não entendi nada. Ana tentou me explicar. Havia acontecido algo no laboratório de química. Parecia importante. — O quê? — Per-

guntei em Libras. Ela tentou explicar. Entendi algumas partes, mas fiquei frustrada. — Não estou entendendo.

Ana então escreveu na folha do caderno “depois eu te explico”. Concordei, mas fiquei incomodada. Eu sabia que ela estava tentando ajudar, porém me sentia mal por sempre depender de alguém para descobrir o que estava acontecendo.

Naquela tarde, aconteceu algo diferente. A professora de Português entrou na sala com uma caixa. Colocou a caixa sobre a mesa e escreveu no quadro: “Projeto: uma história para todos”, depois escreveu: “Cada aluno deverá contar uma experiência que tenha mudado sua maneira de enxergar o mundo”.

Naquela noite, ao chegar em casa, fiquei pensando no que escreveria. Pensei em todas as vezes que alguém falou comigo sem perceber que eu não estava olhando. Nas pessoas que gritavam quando descobriam que eu era surda. Nas que me infantilizavam. Mas também pensei coisas boas. Na primeira vez que conversei em Libras com meu pai. No dia em que percebi que minha surdez não tinha roubado minha capacidade de me comunicar. Ela apenas tinha feito com que eu encontrasse outra maneira. No dia seguinte, apresentei meu texto. A intérprete traduzia minhas palavras para o português falado. Deu tudo certo. Ao final, não ouvi as palmas, mas vi. Vi as expressões e os sorrisos. Então entendi que eu conhecia o mundo pelas mãos, pelos olhos e pelas expressões. Isso não tornava minha vida menor. Era apenas minha maneira de vivê-la.



Capítulo VII

O SOM DO MEU SILÊNCIO

Rodrigo da Silva Oliveira

Meu nome é Lucas, tenho dezesseis anos e sou surdo desde que nasci. Durante muito tempo, achei que isso fosse apenas uma parte de mim, como a cor dos meus olhos ou o jeito do meu cabelo. Mas, depois de entrar no ensino médio, comecei a perceber que algumas pessoas enxergavam minha deficiência antes de enxergarem quem eu realmente era.

Era uma segunda-feira de agosto, e o céu estava nublado naquela manhã. Eu estava no segundo ano do ensino médio da Escola Estadual São Miguel. O corredor estava cheio de alunos, professores passando apressados e grupos conversando. Eu não conseguia ouvir nada daquilo, mas conhecia bem aquela sensação de estar cercado de pessoas e, mesmo assim, me sentir sozinho.

Eu me comunicava principalmente por Libras. Alguns colegas sabiam alguns sinais, mas a maioria não tinha paciência para aprender. Entre eles estava Rafael, um dos alunos mais populares da turma. Ele sempre fazia piadas comigo.

— Lá vem o menino que não escuta nada — dizia ele, rindo. Eu fingia que não me importava.

Mas me importava.

Muito.

Meu melhor amigo, André, era diferente. Ele não sabia Libras perfeitamente, mas fazia questão de tentar conversar comigo. Às vezes, errava os sinais e nós dois acabávamos rindo. Era uma das poucas pessoas que me fazia sentir que eu não precisava esconder quem eu era.

Naquela semana, a escola estava organizando uma feira cultural. Nossa turma faria uma apresentação sobre pessoas que enfrentaram dificuldades e conseguiram superar obstáculos. Eu fiquei responsável por apresentar uma parte do trabalho em Libras, enquanto André faria a tradução para os outros alunos.

Eu estava animado. Pela primeira vez, pensei que poderia mostrar para meus colegas que ser surdo não significava ser incapaz.

No dia da apresentação, porém, tudo começou a dar errado. Pouco antes de entrarmos no palco, percebi que os cartazes que eu havia preparado tinham desaparecido. Procurei por toda a sala até encontrá-los amassados dentro de uma caixa.

Quando olhei para Rafael, ele estava encostado na parede, sorrindo. Naquele momento, senti raiva e vergonha ao mesmo tempo. André percebeu minha expressão e veio até mim.

— Lucas, não desiste. Você sabe o que preparou. Não precisa dos cartazes.

Respirei fundo e tentei me acalmar, mas então aconteceu algo pior: André passou mal e precisou ir para casa. Sem ele, eu teria que fazer a apresentação sozinha. Olhei para o palco e senti minhas mãos tremerem. Havia muitos alunos esperando.

Eu sabia exatamente o que queria dizer, mas, naquele momento, parecia que todas as palavras haviam desaparecido da minha cabeça. Rafael começou a rir e alguns alunos começaram a cochichar.

Por alguns segundos, pensei em desistir.

Pensei em todas as vezes que fui tratado como se fosse incapaz. Pensei nas piadas, nos olhares e nas pessoas que simplesmente desistiam de conversar comigo porque não queriam aprender Libras.

Meus olhos começaram a se encher de lágrimas. Então olhei para minha professora.

Ela percebeu meu medo e fez um sinal em Libras: “Você consegue.”

Aquelas duas palavras me deram coragem. Subi ao palco. Minhas mãos ainda tremiam, mas comecei a sinalizar.

Contei como era viver em um mundo onde a maioria das pessoas podia ouvir, enquanto eu precisava encontrar outras maneiras de me comunicar. Falei sobre o preconceito e sobre como algumas pessoas me fizeram acreditar que minha deficiência era uma fraqueza, mas também falei sobre André, sobre minha família e sobre as pessoas que acreditavam em mim.

Enquanto eu sinalizava, percebi que todos estavam prestando atenção. Até Rafael havia parado de rir. Quando terminei, abaixei as mãos. Por alguns segundos, ninguém reagiu. Então os alunos começaram a aplaudir.

Eu não conseguia ouvir as palmas, mas conseguia vê-las. As pessoas movimentavam as mãos no ar, como é comum entre pessoas surdas para demonstrar aplausos.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

Naquele momento, percebi que eu não precisava ouvir aquelas palmas para saber o que elas significavam.

Depois da apresentação, Rafael veio até mim. Pela primeira vez, ele não estava sorrindo.

Tentou fazer um sinal em Libras, mesmo com dificuldade.

— Desculpa.

Fiquei olhando para ele por alguns segundos. Ainda estava magoado, mas

percebi que não queria carregar aquela raiva para sempre. Apenas fiz um sinal dizendo que esperava que ele mudasse.

Naquele dia, aprendi uma coisa que jamais esqueceria: eu não precisava provar que era igual às outras pessoas para ser respeitado. Eu era diferente, e isso não me tornava menos capaz.

Saí da escola naquele fim de tarde, enquanto o céu começava a ficar limpo. Caminhei para casa pensando em tudo o que havia acontecido. Eu ainda vivia em um mundo cheio de sons que não podia ouvir. Mas, pela primeira vez, isso não me fez sentir sozinho. Porque descobri que existem coisas que não precisam ser ouvidas para serem sentidas. E, naquele dia, entendi que, mesmo vivendo em um mundo cheio de vozes, eu também tinha uma voz. Uma voz feita de sinais, coragem e sentimentos. E, finalmente, alguém tinha parado para enxergá-la.



Capítulo VIII

ALÉM DOS DEGRAUS

Maria Eduarda Silva Sousa

Meu nome é Lucas, tenho dezesseis anos e sou cadeirante desde dos meus oito. Gosto de música, de desenhos e, principalmente, de jogar basquete. Durante muito tempo, pensei que minha cadeira de rodas era a coisa que mais me definia. Hoje, sei que ela é apenas uma parte da minha história.

Tudo começou quando minha escola montou um campeonato de basquete entre os alunos. Quando soube da notícia, meu coração disparou. Eu queria participar, mas logo pensei que talvez minha cadeira de rodas não me aceitasse no time.

No dia seguinte, procurei meu professor de Educação Física.

— Professor, eu posso participar do campeonato?

— Claro que pode, Lucas!

Fiquei feliz, mas ainda tinha um problema: a quadra da escola tinha uma escada na entrada. Eu precisava de ajuda de alguém para conseguir chegar até lá. Aquilo me deixou frustrado, porque eu queria participar como qualquer outro aluno. Conversei com meus amigos e expliquei o que estava acontecendo. Para minha surpresa, eles decidiram me ajudar a resolver o problema. Juntos, conversamos com a direção da escola e mostramos que aquela escada não era apenas um obstáculo para mim, mas para qualquer pessoa que tivesse dificuldade de locomoção.

Depois de alguns dias, a escola instalou uma rampa. No dia do campeonato, quando entrei na quadra sozinho pela primeira vez, senti algo que nunca tinha sentido antes. Não era apenas felicidade. Era a sensação de que aquele espaço também pertencia a mim. Durante o jogo, minha turma estava perdendo. Faltavam poucos segundos para terminar. Recebi a bola, respirei fundo e arremessei. A bola tocou na cesta e caiu dentro.

Naquele momento, percebi que eu não precisava provar nada para ninguém. Eu só precisava acreditar em mim e mostrar minhas capacidades e conquistas. Depois daquele dia, comecei a enxergar minha deficiência de outra maneira.

Ainda existiam dificuldades, mas havia pessoas preconceituosas e lugares sem acessibilidade.

Aprendi que inclusão não significa tratar alguém como diferente de forma especial. Significa garantir que todos tenham espaço, respeito e oportunidades para realizar seus sonhos e conquistas.



Capítulo IX

HISTÓRIA DA LARA

Ana Júlia Rodrigues da Silva

Meu nome é Lara, tenho dezessete anos e sou cadeirante desde pequena. Aprendi a conviver com a cadeira de rodas e, apesar de algumas dificuldades, nunca deixei que ela definisse quem eu sou. Eu gostava de estudar, conversar com meus amigos e sonhava em participar de uma competição de redação que aconteceria na minha escola.

Naquele ano, minha professora Helena anunciou que os alunos poderiam participar de um concurso de histórias. O vencedor teria a oportunidade de representar a escola em um evento na cidade. Eu fiquei muito animada, porque sempre gostei de escrever. Minha melhor amiga, Júlia, foi a primeira pessoa a me incentivar.

— Você deveria participar, Lara. Você escreve muito bem! — ela disse. Eu sorri e decidi tentar.

Durante os dias seguintes, comecei a escrever minha história. Porém, nem todos ficaram felizes com a minha participação. Um dos alunos da minha turma, Pedro, começou a fazer comentários dizendo que eu provavelmente não conseguiria chegar ao local da competição e que seria melhor deixar outra pessoa participar. No começo, tentei ignorar, mas suas palavras começaram a me deixar insegura.

Chegou o dia da apresentação e eu estava muito nervosa. Quando cheguei à escola, percebi que a entrada principal tinha uma escada e não havia uma rampa adequada. Minha professora Helena percebeu a situação e conseguiu uma entrada acessível para que eu pudesse entrar.

Quando chegou a minha vez, minhas mãos tremiam, mas comecei a contar minha história. Falei sobre meus sonhos, meus medos e sobre como muitas vezes as pessoas enxergam primeiro a deficiência e só depois a pessoa. Quando terminei, todos começaram a aplaudir.

No final, meu nome foi anunciado como vencedor do concurso. Júlia ficou muito feliz e minha professora se emocionou. Naquele momento, Pedro se apro-

ximou e pediu desculpas, e eu aceitei. Naquele dia, entendi que ter uma deficiência não significa ter menos sonhos ou ser incapaz. Eu só precisava acreditar em mim mesma e continuar sendo quem eu sou.



Capítulo X

O MENINO AUTISTA QUE SONHAVA COM O FUTEBOL

Mirella de Sousa Rocha

Meu nome é Gabriel e eu moro em um orfanato desde pequeno. Nunca soube muito sobre meus pais biológicos, mas sempre tive algo que me fazia esquecer dos problemas: o futebol.

Desde criança, gostava de assistir aos jogos e imitar os jogadores. Meu maior ídolo era o Vini Jr. Admirava os dribles e a velocidade. Também gostava muito de desenhar. Sempre carregava um caderno e desenhava jogadores, camisas e estádios.

Sou autista e algumas coisas eram mais difíceis para mim, como lugares barulhentos, muita gente falando e mudanças na rotina me deixavam desconfortável. Por isso, tinha medo de tentar times maiores.

No orfanato, jogava bola com os outros meninos no pequeno campo atrás do prédio. Passava horas ali.

Um dia, uma responsável perguntou:

— Gabriel, já pensou em entrar numa escolinha?

— Você acha que eu consigo?

— Se você gosta, por que não tentar?

Foi o que eu fiz. No começo foi difícil. Ficava nervoso, tinha dificuldade para me concentrar com muita gente falando. Mesmo assim, não desisti. Comecei acompanhamento com uma psicóloga que me ajudava com a ansiedade.

Com o tempo, fui melhorando. Treinava quase todos os dias. Quando não treinava, desenhava ou via vídeos para aprender dribles.

Aos dezessete anos, surgiu uma oportunidade: um clube profissional faria avaliação na minha cidade.

No dia do teste, pensei em desistir várias vezes. Mas me lembrei do campo do orfanato. Entrei em campo. No final, o treinador disse:

— Gabriel, queremos você na equipe.

Pela primeira vez, senti que meu sonho poderia acontecer. Alguns meses depois, minha carreira começou a crescer. Jogava cada vez melhor e aparecia em notícias esportivas. Foi quando algo estranho aconteceu. Um jogador que eu admirava muito começou a aparecer nos meus jogos. Era o Vini Jr.

Na primeira vez que o vi assistindo, fiquei sem reação. Depois da partida, ele veio falar:

— Você joga muito, Gabriel.

— Obrigado. Sou seu fã desde pequeno.

Ele sorriu.

— Depois daquele dia, Vini aparecia nos meus treinos. Conversava, dava conselhos e perguntava sobre minha vida. No começo, achei que era só pelo futebol, até perceber que ele sabia demais sobre mim.

Um dia, depois do treino, fomos para um lugar tranquilo, longe do barulho. Ele parecia nervoso:

— Gabriel, preciso te contar uma coisa.

— O quê?

— Eu sou seu pai biológico.

Fiquei sem palavras.

Ele contou que anos atrás, antes da fama, teve um relacionamento com minha mãe biológica. Depois, os dois se separaram e ele nunca soube onde eu estava. Descobriu quem eu era por informações da minha história.

— Quando descobri que você era meu filho, comecei a acompanhar sua vida.

— Quando vi você jogando, vi seu talento.

Fiquei confuso. Nunca imaginei que meu pai pudesse ser alguém que eu admirava tanto.

— Você vinha aos jogos por minha causa?

— Sim. Queria te conhecer antes de contar.

Foi muita coisa para entender. Mas depois de conversar bastante, comecei a conhecê-lo melhor. Conheci também Virgínia, minha madrasta, que me tratou muito bem. Vini me ajudava na carreira, apresentava pessoas e dava conselhos, mas nunca fazia as coisas por mim:

— Posso te ajudar, mas você precisa continuar treinando.

Depois de alguns anos, cheguei a um grande clube europeu. Minha carreira cresceu rápido. Disputei grandes campeonatos, marquei gols e ganhei títulos. Meu nome ficou conhecido em vários países.

Mesmo assim, nunca esqueci do orfanato. Lembrava do pequeno campo onde comecei e do meu velho caderno de desenhos.

Quando comecei a ganhar dinheiro, a primeira coisa que fiz foi ajudar o orfanato. Reformei o campo, comprei materiais esportivos e ajudei outras crianças que sonhavam em jogar futebol. Também continuei desenhando. Até hoje, quando tenho tempo, pego um papel e desenho. Depois de alguns anos, fui con-

siderado um dos melhores jogadores do mundo. No dia em que recebi um dos maiores prêmios da carreira, olhei para a plateia e vi Vini Jr. e Virgínia. Sorri.

Naquele momento, pensei em tudo que tinha acontecido. Tinha começado em um orfanato, sem saber nada sobre meu passado. Era apenas um menino autista que gostava de desenhar e jogar bola. Agora estava ali, vivendo o sonho que imaginei tantas vezes. Aprendi que o começo da nossa história não precisa decidir como ela vai terminar. Ainda era o mesmo Gabriel que gostava de desenhar e jogar futebol. A diferença é que agora milhões de pessoas conheciam meu nome.



Capítulo XI

PIETRO E O TEMPO

Gabriel Nascimento Alves

Pietro tinha dezessete anos e usava cadeira de rodas desde criança. Tinha aprendido cedo que nem todo lugar era feito pensando em pessoas como ele. Às vezes, precisava de ajuda para entrar em algum lugar; outras, precisava ouvir perguntas que já estava cansado de responder. Também conhecia os olhares de pena, como se estar numa cadeira de rodas significasse não poder ter uma vida normal. Pietro odiava isso. Ele não queria ser tratado como alguém frágil. Gostava de música, de sair com os amigos e de ficar acordado até tarde conversando. A cadeira fazia parte dele, mas não era tudo o que ele era. Naquele ano, porém, alguma coisa mudou.

Depois de uma consulta, sua mãe entrou no quarto e sentou ao seu lado. Pietro percebeu que ela estava chorando. “O que aconteceu?”, perguntou. Ela demorou para responder. “Os médicos disseram que seu corpo está ficando mais fraco.” Pietro ficou em silêncio. Não perguntou quanto tempo tinha. Talvez tivesse medo da resposta.

Nos dias seguintes, começou a pensar nas coisas que ainda queria fazer. Não eram coisas grandes. Queria voltar à praia, comer um hambúrguer enorme com os amigos, ver o nascer do sol e terminar a escola. Quando Lucas percebeu que ele estava diferente, perguntou: “O que foi?” Pietro respirou fundo. “Talvez eu não tenha tanto tempo quanto pensei.” Lucas ficou sem saber o que dizer. Depois respondeu: “Então a gente aproveita o que tiver.”

Na semana seguinte, os três foram à praia. O caminho até a areia não era fácil para Pietro, mas ele já estava acostumado a encontrar obstáculos que outras pessoas nem percebiam. Quando finalmente chegaram, ele ficou olhando o mar enquanto os amigos conversavam. Quando o sol começou a aparecer, sorriu. “Bonito, né?” Bia respondeu que sim. Pietro ficou alguns segundos em silêncio e disse: “Eu queria ter mais um dia.” Ninguém respondeu. Lucas apenas colocou a mão em seu ombro.

Depois disso, Pietro começou a aproveitar as pequenas coisas. Assistiu filmes com a família, saiu com os amigos, riu de coisas bobas e passou mais tempo

com seu pai. Certa noite, antes de dormir, chamou por ele. “Pai?” “Oi.” Pietro ficou alguns segundos em silêncio. “Eu te amo.” Seu pai sorriu, tentando esconder as lágrimas. “Eu também te amo, filho”. O tempo passou mais rápido do que Pietro queria. Ele não conseguiu fazer tudo o que planejava. Não chegou à formatura e não conheceu todos os lugares que queria. Mas teve amigos, teve sua família, teve risadas, medo, dias bons e dias ruins. E, apesar de todas as dificuldades que sua deficiência trouxe, nunca quis que as pessoas lembrassem apenas daquilo. Ele queria ser lembrado pelo garoto que fazia piada, que gostava de música e que sempre reclamava quando precisava acordar cedo.

Pietro morreu alguns meses depois. Seus amigos continuaram voltando àquela praia. Anos depois, em uma manhã, Lucas ficou olhando o sol nascer e disse: “Ele ia gostar disso.” Bia sorriu com os olhos cheios de lágrimas. “Ele ia reclamar que acordar cedo é uma idiotice.” Os três riram e depois ficaram em silêncio.

Porque algumas pessoas não ficam para sempre, mas deixam alguma coisa para trás. Uma lembrança, uma saudade ou simplesmente a vontade de aproveitar melhor o próximo dia. Pietro deixou isso. E talvez viver não seja ter tempo suficiente. Talvez seja conseguir amar alguma coisa enquanto ainda temos tempo para dizer que ela importa.



Capítulo XII

“NDAIPÓRI OKYHYJÉVA, NDAIPÓRI OKYHYJÉVA, NDAIPÓRI OKYHYJÉVA...”

João Emanuel Carvalho Mesquita

I — Arandu

Essas são as últimas palavras de que me lembro de ter ouvido da minha mãe antes de acordar em uma comunidade indígena completamente nova. Havia cheiros novos, estruturas diferentes e até relevos estranhos sob meus pés. Talvez, se eu enxergasse, fosse mais fácil compreender e descrever tudo aquilo que me cercava.

Na comunidade, me chamavam de Arandu. Diziam que o nome carregava a ideia de sabedoria e conhecimento: alguém que não vê com os olhos, mas percebe aquilo que outros não percebem. Foi minha mãe quem me deu esse nome. A mesma mulher cuja voz ainda ecoava na minha memória. Eu não tinha muitas lembranças dela. Disseram-me que cheguei ali desacordado, com a cabeça ferida, provavelmente depois de bater contra alguma pedra. Ainda assim, lembrava meu nome e havia algo que, curiosamente, ninguém sabia explicar: eu sabia caçar.

Um ancião me acolheu e me ofereceu *mbaipy*, um mingau de milho. Aproximei o rosto e senti o vapor quente. Então uma lembrança atravessou minha cabeça: meu pai, morto por uma sopa envenenada. Coloquei uma colher na boca e cuspi imediatamente. O ancião se assustou com minha reação e, ao perceber que eu estava engasgando, colocou uma cuia de karaku em minhas mãos. Mas ele notou algo em mim, ele estava com o braço estendido na minha frente e viu que eu não estava conseguindo pegar o objeto diretamente, estava mexendo no ar como se não soubesse o que estava na minha frente, e olhava pra baixo fixamente. Quando peguei o copo, o ancião já tinha percebido que havia algo de diferente em mim.

Mais tarde, eu cresceria um pouco isolado das outras crianças, não como se fosse excluído, mas sentira que não era incluído, então ficava mais na beira da passagem do riacho, a mesma na qual disseram ter me encontrado. Até que um dia ouvi um grito de dentro da floresta, vindo do outro lado do riacho. O ancião nunca deixou que eu fosse pra longe da tribo por conta da minha cegueira, en-

tão costumava me manter por perto e protegido, mas naquele momento senti algo me chamando, os gritos vieram como choque na minha cabeça e aquelas palavras voltaram: *"Ndaipóri okyhyjéva, ndaipóri okyhyjéva, ndaipóri okyhyjéva"*.

Corri. Tropecei, caí e me levantei. Continuei seguindo os gritos até o instante em que me aproximei demais, a ponto de sentir um forte cheiro de sangue, humano, e principalmente de um animal, um animal dos grandes. O homem atacado estava consciente, e proferiu as seguintes palavras:

— *Estava esperando alguém da caça aparecer, ainda bem que...* — Ele percebe que era eu e começa a falar muito assustado

— *Saia logo de perto dessa onça-pintada, é so virar na direção contrária e correr reto, se esbarrar com alguém diga pra andar para linha de caça.*

Naquela hora, me enfureci completamente, como assim voltar atrás de algo que eu já sabia que devia ser feito. Peguei uma pedra perto do meu pé, e senti que ela tinha uma ponta, não perdi oportunidade e parti pra cima da onça. Quando os outros chegaram, encontraram a onça caída e me levaram de volta. Não fui recebido como um herói. Fui colocado de castigo.

Alguns dias depois, enquanto pescava no riacho, o ancião apareceu acompanhado do cacique. Eu esperava outra bronca, mas ele apenas disse que meu castigo havia terminado. O cacique explicou que, em determinada época do ano, os animais se tornavam mais fáceis de localizar e os grupos passavam mais tempo na mata. Precisavam de mais um caçador. Eu começaria atrás dos demais. Aceitei.

Os anos seguintes mudaram tudo. Já não ficava atrás de ninguém. Aprendi a reconhecer animais pelos movimentos, diferentes tipos de solo e vegetação, a memorizar caminhos e perceber a direção do vento. Aprendi a usar aquilo que os outros consideravam minha limitação como parte da minha forma de caçar. Os outros caçadores caçam apenas com os olhos, eu uso a selva como principal armadilha para minhas presas, eles costumam comentar ao meu lado "Ele sabe coisas que os outros não sabem".

II — O homem da floresta

O período de caça estava aberto por mais um ano, porém o cacique decidiu que deveríamos caçar por outras regiões. A região conhecida já não era suficiente, então montaríamos um acampamento fora da comunidade. Antes de partirmos, ele nos fez apenas um pedido:

— *Além do rotineiro das caças... Tenham cuidado com os caçadores da tribo Kaiowá. Já temos problemas com um dos grupos deles, não queremos conflito por alimento de caça*.

Partimos no dia seguinte. Passamos o dia procurando apenas o necessário. Quando anoiteceu, montamos o acampamento e dormimos. Durante a noite, senti o cheiro do solo. Havia algo familiar nele. Uma memória antiga começou a surgir: eu caminhava sobre aquela terra quando era pequeno. Então ouvi novamente a frase da minha mãe, mas dessa vez pronunciada por uma voz masculina.

— *Ndaipóri okyhyjéva, ndaipóri okyhyjéva, ndaipóri okyhyjéva*. — E ele estava segurando uma lança ao meu lado.

— *Arandu, vamos!* — O resto do grupo fala na manhã do dia seguinte.

Mais tarde, encontramos uma grande quantidade de queixadas. Os caçadores se dividiram em três grupos para cercá-las. Eu estou caçando ao lado do meu grupo quando novamente sinto cheiro do solo, e as palavras continuam, mas desta vez elas aparecem com palavras a mais:

— *Ndaipóri okyhyjéva, ndaipóri okyhyjéva, ndaipóri okyhyjéva*.

— *Está vendo filho, você não precisa ver pra sentir, você pode muito mais*.

Foi quando me distraí, caí em uma vala e me separei dos outros. O pânico tomou conta de mim. Ouvi passos se aproximando e empunhei minha lança.

— *Não se aproxime!* — A pessoa parou e falou.

— *Você é o filho do cacique*.

Gritei pelos outros. Quando chegaram, disseram que não haviam visto ninguém. E o pior era que eu também já não conseguia sentir aquela presença. Naquela noite, dormi sem saber se havia encontrado um homem ou uma lembrança.

III — A verdade

No dia seguinte, voltamos para a tribo e eu conto tudo pro ancião. Ele resolveu me tirar novamente do time de caça, então fiquei furioso. Passei as semanas seguintes pescando no riacho. Pegava tantos peixes que comecei a formar montes na margem. Já não pescava por fome. Pescava por raiva. Até que o ancião me perguntou por que eu insistia tanto em ser caçador.

— *Você sabe a sensação de chegar em um lugar e as pessoas acharem que você não pode fazer nada? Chegar em um ambiente onde só você pode descobrir se o lugar é seguro, através do cheiro e audição? Vocês que decidiram que eu era incapaz. A caça foi a única coisa que consegui transformar em prova do contrário*.

Ele ficou em silêncio e, antes de partir, disse:

— *Você não precisa me obedecer, sabe disso?*

Realmente, nunca tinha parado pra pensar nessa possibilidade, e pensei qual seria a primeira coisa que faria se pudesse estar livre agora. Então me lembrei do mesmo solo que lembrava minha infância. Então vou até minha casa de taipa, pego meus pertences, e vou correndo até o outro lado do riacho, e corro em direção ao mesmo local, guiado pelas características da terra e pelas lembranças que aquele ambiente despertava. Até que uma flecha passou de raspão pelo meu braço.

Empunho minha lança. E um homem avança contra mim. Desvio do golpe e caímos em uma luta corporal. Quando ele estava prestes a me atingir, percebeu meus movimentos e a maneira como minhas mãos procuravam sua arma e como eu mantinha a cabeça voltada para o chão.

— *Filho do cacique... Ndaipóri okyhyjéva*.

Outros caçadores se aproximaram. Não eram da minha comunidade. Mas seus cheiros eram familiares. Levaram-me pela mata até uma comunidade que

eu não reconhecia com os olhos, mas que meu corpo parecia lembrar. Comecei a perceber sons de animais de cultivo, milharais, e de repente ouço um ritual cantado que não me é familiar...

— *O milho nasceu sob a terra.*

Os outros repetiram:

— *O milho nasceu sob a terra.*

— *A terra deu força à semente.*

— *A terra deu força à semente.*

Novamente, um choque vem na minha cabeça. Minha mãe. O som dos pilões. A farinha sendo preparada. A voz dela me chamando para ajudá-la. Naquela pequena estrada longe da casa de taipa, eu percebo que estou onde minha mãe estava, na tribo Guarani Kaiowá.

Assim que percebo isso ela me chama "Arandu", eu percebo que ela está na minha frente, então a abraço como se tivessem se passado mais de dez anos desde que a vira. Mais tarde ela passa a me contar de tudo.

— *Fiquei triste por você ter achado, durante todo esse tempo, que havia caído na passagem de um riacho por acidente. Devo-lhe uma explicação. Os Yvyra'ẽ tinham costumes de se posicionarem contra as decisões do seu pai, cacique na época, mas nunca fizeram nada que ferisse as leis da tribo, exceto quando você nasceu. Quando você nasceu, um ancião da tribo Guarani Ñandeva, caminhou léguas e léguas, ele se chamava Ñanderu Jeguaka, um conhecido muito respeitado do seu pai, e disse que o filho do cacique deveria ser o próximo cacique da tribo. Quando você cresceu e perceberam que você não enxergava os Yvyra'ẽ prometeram te tirar da condição de cacique, mesmo que isso custasse muita coisa. Eles, então, assassinaram seu pai com uma sopa de Mbaipy, e me perseguiram na mesma noite com flechas e lanças, lhe peguei pelos braços e corri pela floresta, onde escorreguei e fiquei encurralada. Só tive uma escolha, lhe jogar pela passagem do rio, e torcer para que alguma tribo lhe achasse. Eles não conseguiram me ferir da maneira que queriam, e os Kaiowá, os pararam. Onde os expulsaram nos dias seguintes. Desde então, nossa tribo ficou sem cacique, e esperamos incessantemente que você voltasse.*

— *Qual era o nome do meu pai?*-Pergunto

Minha mãe demorou alguns segundos para responder.

— *O nome dele era outro. Mas ninguém o chamava assim.*

— *Então como chamavam?*

— *Okyhyje'ỹ.*

Ela respirou fundo.

— *Diziam que ele não tinha medo de ninguém.*

Okyhyje'ỹ. Para muitos seria um choque, mas pra mim seria apenas o destino cumprindo sua missão com minha ajuda. E, mais uma vez, eu sabia o que deveria ser feito. Passei os dias seguintes sendo guiado pela minha mãe sobre as regras da tribo. Alguns dias depois, pedi para que me levassem de volta à comu-

nidade Kaiowá. Minha mãe não tentou impedir. Talvez soubesse que, depois de tantos anos, aquele também era o meu lar. Quando cheguei, o ancião Ñanderu Jeguaka foi o primeiro a reconhecer meus passos.

— *Então, você voltou. Então, encontrou o que procurava?*

Fiquei em silêncio por alguns instantes. — *Encontrei minha mãe. Encontrei minha antiga comunidade. E descobri quem foi meu pai.*

— *E o que pretende fazer agora?*

— *Vou voltar para os Ñandeva. Não quero voltar para continuar uma guerra antiga. Quero acabar com ela.*

— *E como pretende fazer isso?*

— *Com uma aliança.*

— *Ñandeva e Kaiowá já derramaram sangue demais por medo, território e desconfiança. Eu cresci entre vocês, mas nasci entre eles. Pertencerei aos dois enquanto carregar o que aprendi com cada um. Meu pai foi cacique de um povo. Eu quero ser cacique de uma ponte entre dois povos.*

— *E se eles não aceitarem?*

— *Sorri.*

— *Então continuarei falando.*

Ergui a cabeça e professei.

— *Ndaipóri okyhyjéva.*

O ancião ficou em silêncio. E eu não precisava enxergar o caminho inteiro. Na realidade nunca precisei, então aprendi a reconhecer a terra sob meus pés, a direção do vento, o som das águas e os passos de quem se aproximava.

Parti novamente para minha comunidade. Dessa vez, porém, não como o bebê que minha mãe lançou ao rio para salvar, nem como o filho do antigo cacique que buscava um lugar que nunca conheceu. Voltei com um nome. E, quando fui reconhecido como cacique, minha primeira decisão não foi declarar guerra contra aqueles que um dia haviam me acolhido. Foi procurá-los. Porque eu havia passado a vida inteira sem enxergar os rostos das pessoas ao meu redor, mas mesmo assim sabia reconhecer quem estendia uma mão e quem apontava uma lança. E, pela primeira vez, compreendi o que significava escolher o próprio caminho.



Capítulo XIII

UM DIFERENTE PONTO DE PERCEPÇÃO

João Luiz Sousa Barbosa Neto

Meu nome é Juliana, tenho vinte e seis anos e sou uma pessoa com deficiência visual. Gosto de fazer caminhadas, pois esse é um momento em que consigo me sentir livre e independente. Todas as noites, costumava caminhar na praça da cidade para colocar os pensamentos em dia, ter um momento meu.

O caminho da praça sempre foi fácil — desde pequena, vivo nesta cidade —, mesmo sendo uma pessoa cega, consigo ir e vir de qualquer lugar. E assim, me tornei alguém que não se limita por causa da deficiência; sempre disse para mim mesma que sou mais que isso.

Quando eram 18:40 da tarde, comecei a me arrumar para ir até a praça. Vesti uma calça para exercícios, uma regata que consigo diferenciar das outras por causa da textura, meu tênis e minha bengala que se tornou uma aliada essencial para mim durante os exercícios.

Enquanto caminhava com minha bengala, seguia cuidadosamente o piso tátil, que me ajudava a encontrar o caminho. Sempre fui uma pessoa atenta, eu ouvia o som das folhas balançando com o vento, as conversas das pessoas nos bancos da praça e as crianças brincando nos brinquedos da praça ao lado. Era um ambiente agradável, até que minha bengala encontrou algo inesperado. Haviam pessoas paradas sobre o piso tátil.

Tentei continuar meu caminho, mas precisei pedir licença e esperar que elas saíssem. Algumas se afastaram, porém, outras pareceram não perceber a importância daquele espaço. Continuei a caminhada, mas, pouco tempo depois, pela terceira vez, encontrei, novamente, pessoas paradas sobre o piso tátil.

Naquele momento, senti uma mistura de frustração e insegurança. Eu me perguntava por que era tão difícil respeitar um pequeno espaço que fazia uma diferença tão grande em minha vida e na vida de tantas outras pessoas cegas. O piso tátil não estava ali apenas para enfeitar a praça. Ele era um caminho que me oferecia mais segurança e independência. Me garantia o direito de ir e vir como qualquer outro cidadão, eu não quero ser guiada por outra pessoa. Eu quero não precisar pedir ajuda e nem licença por usar um direito meu.

Naquela noite, voltei para casa pensativa. Por alguns dias, a situação permaneceu em minha mente. Não entendia como uma situação dessa poderia me fazer sentir tão minúscula. Porém, em vez de aceitar aquele problema em silêncio, encontrei coragem para fazer algo. Não apenas por mim, mas pelas pessoas cegas que vivenciam a mesma dificuldade.

Decidi ir até a ouvidoria da prefeitura da minha cidade. Mesmo apreensiva, expliquei para a recepcionista Ana as dificuldades que enfrentei durante minha caminhada na praça.

— Ana, bom dia! Queria relatar uma experiência bastante desagradável que aconteceu na praça.

— Juliana, sou da ouvidoria da prefeitura, como posso ajudá-la? — falou Ana.

— Ana, como pode ver, eu sou uma pessoa com deficiência visual, eu sempre tenho o hábito de fazer caminhada na praça. Mas isso vem sendo difícil por conta da falta de consciência das pessoas sobre o piso tátil.

Ela foi uma boa ouvinte e me acolheu sobre a situação. Sugeri a colocação de placas e cartazes nos postes, alertando as pessoas sobre a importância de manter o piso tátil sempre livre. Também pedi campanhas de conscientização para que mais pessoas entendessem como pequenas atitudes poderiam fazer uma grande diferença na vida de nós usuários do piso tátil.

— Juliana, sua denúncia será ouvida. Farei de tudo para que sua denúncia chegue à prefeitura e que as mudanças necessárias aconteçam.

— Obrigada por me ouvir, Ana! — disse, saindo da ouvidoria da prefeitura.

Depois de alguns dias, voltei à praça e reparei que minhas ideias foram colocadas em prática. Ouvi que placas foram instaladas na praça e cartazes nos postes chamavam a atenção das pessoas para a importância de respeitar o piso tátil. Aos poucos, percebi uma mudança no comportamento de quem frequentava aquele lugar.

Quando voltei a caminhar pela praça à noite, senti uma sensação diferente. Minha bengala percorria o piso tátil sem encontrar tantas pessoas e, as poucas que encontrava, se retiravam sem eu precisar pedir. Pela primeira vez, depois de muito tempo, senti que aquele espaço também me cabia e havia sido projetado para mim. Que seria um lugar de acolhimento e pertencimento.

Então, enquanto caminhava, ouvia pessoas falando sobre como aquelas placas ajudaram as pessoas a terem uma nova percepção sobre a vida de pessoas como eu, pessoas cegas que nunca tiveram coragem e visibilidade para falar. Pela primeira vez, vi que fiz algo não apenas por mim, mas por todas as pessoas cegas que frequentam a praça. Fiz com que a população pudesse entender que acima das diferenças, coexistimos juntos!

Entrei em casa e recebi uma mensagem, com o recurso digital *TalkBack,* pude ouvir uma mensagem de Ana falando que a campanha havia sido um sucesso.

— Parabéns, Juliana! Graças a você, nós conseguimos executar essa campanha tão importante! Disse.

Enviei uma resposta de voz para ela:

— Ana, eu vi os resultados da campanha na praça. Obrigado por fazer isso

dar certo!

— Você é fantástica, Juliana! Conseguiu nos ajudar a criar um lugar mais inclusivo e acolhedor para todos da cidade. Mais uma vez, obrigada!

Com um sentimento de dever comprido, percebi que antes do medo, vem o mundo. Que coragem não significa ausência de medo, mas agir mesmo com ele. Que o mundo pode ser mudado por quem está disposto a transformá-lo.



Capítulo XIV

O CAMINHO DE TODOS OS DIAS

Carolline Mendes Ribeiro

Meu nome é Lucas, tenho dezesseis anos e estudo em uma escola que fica a alguns minutos da minha casa. Como qualquer outro estudante, acordo reclamando do despertador, tomo café correndo e saio de casa tentando não chegar atrasado.

A diferença é que eu faço tudo isso usando uma cadeira de rodas.

Eu uso cadeira de rodas desde criança. Com o tempo, aprendi a fazer várias coisas sozinho e já estou acostumado com a minha rotina. Não vejo minha cadeira como algo que me impede de viver. Pelo contrário, ela me ajuda a ir para a escola, sair com meus amigos e fazer as coisas que gosto. O que realmente me incomoda são as dificuldades que encontro em lugares que deveriam ser acessíveis para todos.

Naquela segunda-feira, acordei atrasado. Minha mochila já estava pronta desde a noite anterior, porque eu sabia que teria uma apresentação de História.

— Lucas! Você vai perder a hora! — minha mãe gritou do outro quarto.

— Já tô indo!

Saí de casa e comecei o caminho de sempre. Passava pela padaria da esquina, depois por uma praça pequena e seguia pela rua principal. Eu conhecia aquele caminho de tanto fazê-lo todos os dias, mas também conhecia muito bem os problemas dele.

A calçada tinha vários buracos e, em alguns lugares, não havia nenhuma rampa. Naquela manhã, quando cheguei à esquina, encontrei uma parte ainda mais complicada. A calçada estava quebrada e a pequena rampa que existia terminava em um degrau. Parei e fiquei olhando por alguns segundos, tentando descobrir uma maneira de passar. Um homem que estava perto percebeu minha dificuldade e se aproximou.

— Quer que eu ajude?

Agradeci, mas expliquei que conseguia passar sozinho. O problema não era

eu não conseguir me movimentar, e sim o caminho que não permitia que eu passasse por ele. Depois de procurar outra alternativa, precisei seguir por um trecho da rua até conseguir voltar para a calçada. Fiquei pensando em como aquilo já fazia parte da minha rotina. Enquanto algumas pessoas simplesmente caminhavam até a escola, eu precisava pensar em qual caminho conseguiria usar.

Quando cheguei à escola, encontrei Pedro, meu melhor amigo, na porta da sala. Ele percebeu que eu estava atrasado e perguntou o que tinha acontecido. Contei sobre a calçada e entramos para a aula.

A apresentação de História aconteceu na primeira aula. Eu estava bastante nervoso, porque tinha estudado durante o fim de semana e não queria esquecer nada. No final, porém, tudo deu certo. Quando voltei para o meu lugar, fiquei aliviado e até um pouco orgulhoso de mim mesmo.

Durante o intervalo, eu e Pedro fomos até a cantina. Foi quando encontrei outro problema: uma pequena escada na entrada. Parei diante dela. Já sabia que não conseguiria entrar sozinho. Pedro percebeu e se ofereceu para buscar meu lanche. Eu aceitei, mesmo não gostando muito de precisar pedir ajuda para uma coisa tão simples.

Enquanto esperava, fiquei observando os outros alunos entrando e saindo da cantina. Alguns estavam conversando, outros rindo ou reclamando do lanche. Era uma cena completamente normal. Mas eu não conseguia parar de pensar naquela escada.

Não era a primeira vez que algo assim acontecia. Eu já tinha deixado de ir a lugares por causa da falta de acessibilidade. Já tinha precisado mudar de caminho por causa de uma calçada. Já tinha chegado atrasado à escola por não conseguir passar por determinado lugar.

Quando Pedro voltou, sentou ao meu lado.

— Você está pensando em quê?

Olhei para a escada antes de responder.

— Em como uma coisa tão pequena pode atrapalhar tanto.

Ele ficou quieto. Acho que começou a entender o que eu estava tentando explicar.

Naquele dia, percebi que muitas pessoas só notavam esses problemas quando eles aconteciam com alguém próximo. Para quem não precisava de uma rampa, ela parecia apenas uma parte da construção. Para mim, aquela rampa significava poder entrar ou não em um lugar.

Depois do intervalo, voltamos para a sala. No final da aula, a professora avisou que nossa turma teria uma atividade em outra sala, no segundo andar. Fui até o elevador, mas ele não estava funcionando.

Fiquei alguns segundos olhando para a porta fechada. Aquilo já tinha acontecido outras vezes. Uma funcionária explicou que o elevador estava quebrado e que o técnico provavelmente iria no dia seguinte.

Eu olhei para a escada e depois para a professora. Não havia como eu subir. Naquele momento, senti uma mistura de raiva e cansaço. Não queria mais simplesmente esperar que alguém resolvesse o problema depois. Eu queria que alguém entendesse que aquilo fazia parte da minha vida todos os dias.

Procurei a professora e contei tudo o que tinha acontecido. Falei da calçada, da escada da cantina e do elevador. Também contei sobre outras situações que já tinha enfrentado.

No começo, fiquei com medo de parecer que estava reclamando demais. Mas, depois de falar tudo, percebi que não tinha motivo para sentir vergonha.

A professora me ouviu e respondeu:

— Você não está reclamando, Lucas. Está mostrando um problema que precisa ser resolvido. Aquelas palavras ficaram na minha cabeça. No dia seguinte, ela conversou com a direção. Pedro também contou o que tinha visto. Aos poucos, outras pessoas começaram a perceber que a falta de acessibilidade não era apenas um problema meu.

As mudanças não aconteceram de uma hora para outra. O elevador demorou alguns dias para ser consertado e a calçada ainda continuou quebrada por um tempo. Mesmo assim, alguma coisa tinha começado. Algumas semanas depois, saí de casa para ir à escola como sempre.

Passei pela padaria, pela praça e continuei pela rua principal. Quando cheguei à esquina, percebi que a calçada havia sido consertada. Parei por alguns segundos. Pode parecer uma coisa pequena, mas para mim não era. Pela primeira vez, consegui passar por aquele lugar sem precisar ir para a rua ou procurar outro caminho. Continuei seguindo em direção à escola.

No caminho, pensei em tudo que tinha acontecido nas últimas semanas. Durante muito tempo, achei que as dificuldades faziam parte da minha condição e que eu simplesmente precisava me adaptar a elas. Mas percebi que não deveria ser assim. Eu não queria que as pessoas sentissem pena de mim. Também não queria que fizessem tudo por mim. Eu queria ter a liberdade de fazer as coisas sozinho, assim como qualquer outra pessoa.

Queria poder entrar em uma loja, chegar à escola, andar pela praça ou simplesmente passar por uma calçada sem precisar pensar se conseguiria ou não. Continuei meu caminho, olhando para a escola ao longe. Era o mesmo caminho que eu fazia todos os dias. Mas, naquele dia, ele parecia um pouco diferente. Talvez porque, pela primeira vez, eu tivesse entendido que inclusão não é fazer um caminho diferente para alguém. É fazer com que o caminho de todos possa ser realmente para todos.



Capítulo XV

EU TAMBÉM POSSO

Maria Eduarda Ferreira Soares

Meu nome é Ana, tenho 16 anos e estudo em uma escola que fica perto da minha

casa. Sou uma menina bastante sonhadora. Gosto de ouvir música, conversar com minhas amigas, assistir a filmes e passar um tempo com a minha família. Também gosto muito de desenhar, principalmente quando estou triste ou quando preciso colocar meus sentimentos para fora.

Eu nasci com uma deficiência física e uso cadeira de rodas para me locomover. Durante muito tempo, achei que as pessoas só enxergavam a minha cadeira e não quem eu realmente era. Às vezes, isso me deixava triste, porque eu sabia que conseguia fazer muitas coisas, mas algumas pessoas nem me davam a chance de tentar.

Tudo começou a mudar quando minha professora de Artes anunciou que haveria uma feira cultural na escola. Cada turma deveria preparar alguma coisa para apresentar. Quando ela perguntou quem gostaria de participar, levantei a mão sem pensar duas vezes. Eu queria apresentar meus desenhos. Sempre gostei de desenhar, mas quase ninguém na escola sabia disso. Eu tinha vergonha de mostrar meus desenhos porque achava que poderiam rir de mim. Depois da aula, minha amiga Júlia veio falar comigo.

— Ana, você vai mesmo apresentar seus desenhos?

— Acho que sim — respondi, meio insegura.

— Você desenha muito bem! Não precisa ficar com vergonha.

Sorri, mas ainda estava com medo.

Nos dias seguintes, comecei a preparar os desenhos para a feira. Eu queria fazer uma exposição sobre as diferenças entre as pessoas. Desenhei pessoas de vários jeitos: algumas altas, outras baixas, com diferentes características e também pessoas com deficiência.

Em um dos desenhos, fiz uma menina usando cadeira de rodas em frente

a uma grande escada. Ao lado dela havia uma rampa. A menina estava sorrindo e seguindo seu caminho. Quando terminei, fiquei olhando para aquele desenho por alguns minutos. Percebi que, de certa forma, aquela menina era eu. O problema apareceu quando fomos escolher o lugar onde cada grupo ficaria durante a feira. O espaço escolhido para a minha exposição ficava no segundo andar da escola.

— Mas como eu vou subir? — perguntei.

Um dos funcionários respondeu:

— Talvez alguém possa carregar você.

Aquilo me incomodou muito. Eu não queria que alguém simplesmente me carregasse. Eu queria poder chegar ao lugar como qualquer outro aluno. Fui conversar com a diretora.

— Eu não quero deixar de participar da feira, mas também não quero ficar dependendo de alguém para conseguir chegar lá. A escola precisa pensar em uma solução. A diretora ficou em silêncio por alguns segundos. Depois, disse que iria conversar com os professores e procurar uma maneira de resolver o problema. No começo, achei que nada iria mudar. Mas, alguns dias depois, ela nos chamou para uma reunião. A exposição seria transferida para o térreo, onde todos poderiam chegar com facilidade.

Eu fiquei muito feliz. No dia da feira, acordei nervosa. Passei bastante tempo escolhendo minha roupa e conferindo se os desenhos estavam todos no lugar. Quando cheguei à escola, a feira já estava cheia. Havia música, comidas, apresentações e muitos alunos andando de um lado para o outro. Fui até o espaço da minha exposição e organizei os desenhos. Pouco tempo depois, algumas pessoas começaram a chegar. Uma menina da minha sala parou diante do desenho da escada e perguntou:

— Foi você que desenhou?

— Fui.

— O que significa?

Respirei fundo e expliquei:

— Significa que, muitas vezes, o problema não está na pessoa. Está nas barreiras que existem ao redor dela.

Ela ficou olhando para o desenho e depois sorriu.

— Nunca tinha pensado dessa forma.

Aquela frase me marcou.

Mais tarde, algumas pessoas começaram a elogiar meus desenhos. Eu fiquei feliz, mas o momento que mais me emocionou aconteceu quando minha mãe chegou.

Ela olhou todos os desenhos e depois me abraçou.

— Eu tenho muito orgulho de você.

Naquele momento, meus olhos se encheram de lágrimas.

Eu sempre tive medo de ser julgada pelas pessoas. Muitas vezes pensei que minha deficiência me impediria de realizar meus sonhos. Mas naquele dia perce-

bi que eu estava errada.

Eu ainda enfrentaria dificuldades. Ainda existiriam lugares sem acessibilidade, pessoas preconceituosas e momentos em que eu me sentiria insegura. Mas eu também sabia que não precisava desistir por causa disso.

No final da feira, minha professora veio falar comigo.

— Ana, seu trabalho fez muita gente pensar.

Eu sorri.

— Era isso que eu queria.

Naquele dia, aprendi que inclusão não é tratar uma pessoa com deficiência como alguém inferior ou sentir pena dela. Inclusão é respeitar, ouvir e garantir que ela tenha as mesmas oportunidades.

Também aprendi uma coisa sobre mim: eu não preciso provar que sou capaz o tempo todo. Só preciso que me deem a oportunidade de tentar.

Minha cadeira de rodas faz parte de mim, mas não define meus sonhos, minha personalidade ou o meu futuro. Eu sou a Ana. Sou estudante, filha, amiga, desenhista e, acima de tudo, uma menina que ainda tem muitos sonhos para realizar. E agora, quando alguém diz que alguma coisa é difícil demais para mim, eu apenas sorrio e penso: “Talvez seja difícil. Mas eu também posso tentar.”



Capítulo XVI

GIL E O SONHO DE TOCAR O CORAÇÃO

Lanna Gabrielly de Sousa Ferreira

Meu nome é Gil, e eu nasci com a mielomeningocele, uma forma grave de espinha bífida, causada pelo fechamento incompleto do tubo neural durante a gestação. A condição afetou minha coluna e minha medula espinhal e também estava associada à hidrocefalia, exigindo acompanhamento médico e, em alguns casos, o uso de uma válvula para drenar o excesso de líquido.

Desde o meu nascimento, minha vida foi marcada por desafios que eu nunca escolhi, mas que aprendi a enfrentar. Três dias após a minha chegada a este mundo, passei por uma cirurgia que era necessária para que eu pudesse continuar vivendo. Com o passar dos anos, algumas marcas dessa cirurgia voltaram, trazendo novas complicações. Minha rotina, muitas vezes, era dividida entre a minha casa e os hospitais.

Eu era cadeirante, mas isso era apenas uma pequena parte de quem eu era. Sempre tive uma curiosidade que parecia não ter limites e um amor enorme pelos estudos. Enquanto algumas pessoas poderiam olhar para mim e enxergar apenas as dificuldades da minha condição, eu preferia enxergar possibilidades.

Entre tantas idas e vindas aos hospitais, havia algo que continuava fazendo meus olhos brilharem: estudar. Eu cheguei a estudar 1 (um) ano no Instituto Federal do Piauí, cursando o Ensino Médio Integrado ao Técnico em Administração. Aquela experiência significava muito para mim, mas a vida novamente me pediu uma pausa. As complicações das cirurgias que fiz, quando ainda era recém-nascido, fizeram com que eu precisasse deixar a escola, não porque tivesse deixado meu sonho para trás, muito menos porque tivesse desistido do meu futuro. Eu simplesmente precisava cuidar do meu corpo.

E foi assim que os hospitais se tornaram parte da minha rotina. Eu vivi entre corredores, quartos, consultas, exames e cirurgias. Conheci médicos, enfermeiros e tantos profissionais que acompanharam minha trajetória. Para algumas pessoas, um hospital poderia representar apenas dor e medo; para mim, apesar de tudo, também havia conhecimento. Talvez por isso eu tivesse escolhido um sonho tão grande: me tornar um cirurgião.

Eu queria estar do outro lado daqueles corredores. Queria um dia vestir um jaleco, entrar em uma sala de cirurgia e ajudar alguém a continuar vivendo. Talvez eu quisesse devolver ao mundo um pouco daquilo que tantas pessoas já fizeram por mim Eu acreditava que conseguiria. Eu tinha inteligência, tinha vontade, tinha sonhos.

Eu tinha apenas dezesseis anos. Em casa, eu tinha quatro companheiros de vida: minha mãe, meu padrasto e minhas duas irmãs mais novas. Entre nós, existia aquele vínculo que não precisava de muitas palavras. Éramos irmãos, mas também éramos parte das lembranças que permaneceriam para sempre.

Eu estudava quando podia e sonhava quando não podia estudar, e mesmo quando meu corpo me dizia que era hora de parar, minha mente continuava viajando para lugares onde minha cadeira de rodas jamais poderia me impedir de chegar. Até que em 2018, quando eu estava com dezesseis anos, onze meses e vinte e dois dias, meu coração parou pela primeira vez, depois pela segunda e, por fim, pela terceira.

Três paradas cardíacas encerraram uma vida que ainda tinha tantos capítulos para escrever. Eu não cheguei à mesa de cirurgia. Não consegui terminar o Ensino Médio como gostaria. Não tive tempo de vestir o jaleco que tanto sonhei, mas talvez uma vida não seja medida apenas pelo tempo que alguém permanece aqui. Eu fui muito mais do que a doença que carregava. Fui muito mais do que as cirurgias, muito mais do que a cadeira de rodas. Eu fui um irmão. Um estudante. Um filho, um sonhador.

Eu não tive tempo de realizar todos os meus sonhos, mas amei a vida inteira lutando para continuar vivo. E talvez essa seja a parte mais bonita da minha história. E, enquanto alguém se lembrar de mim, do meu sorriso, das minhas inteligências, das minhas lutas, dos meus irmãos e do sonho que eu tinha de um dia salvar vidas, uma parte de mim continuará existindo.

Porque algumas pessoas não precisam viver uma vida longa para deixar uma história que dure para sempre. E essa é a minha história.

— Gil.



Capítulo XVII

QUANDO O CORAÇÃO DANÇA

Lauany Benevides Ribeiro

Meu nome é Joaninha. Tenho dezesseis anos e sou uma menina alegre, inteligente e cheia de sonhos. Moro com minha mãe e meu irmão mais novo em uma cidade pequena e tranquila, onde todos se conhecem. Desde o nascimento, tenho uma deficiência visual. Não enxergo o mundo da mesma forma que as outras pessoas, mas aprendi a conhecê-lo por meio dos sons, dos toques, dos carinhos e das vozes daqueles que amo.

Sempre gostei muito de estudar. Também adoro ouvir música, conversar com meus amigos e, principalmente, dançar. Desde pequena, quando ouço uma música, começo a acompanhar o ritmo com os pés e os braços. Para mim, dançar é uma maneira de me expressar sem precisar explicar o que estou sentindo. Meu maior sonho sempre foi ser bailarina.

Eu imaginava um palco iluminado, a música tocando suavemente e meus passos acompanhando cada nota. Não preciso enxergar as luzes ou os movimentos das outras bailarinas para sentir a música. Aprendo os passos através da repetição, da orientação da minha professora, da memória corporal e da percepção do espaço ao meu redor.

Mas nem todos acreditavam que esse sonho fosse possível. Quando tinha doze anos, contei à minha mãe que queria fazer aulas de balé. — Mãe, eu quero ser bailarina. Minha mãe encheu os olhos de lágrimas, mas eram lágrimas de emoção e orgulho pela minha força e coragem. Logo respondeu:

Então você vai tentar, minha filha, e eu estarei ao seu lado, apoiando o seu sonho. No começo, eu estava cheia de esperança. Porém, quando chegamos à primeira escola de dança, a responsável pelas aulas ficou insegura ao saber que eu tinha deficiência visual.

— Será que ela vai conseguir acompanhar a turma? — perguntou.

Ouvi aquela frase em silêncio. Eu ainda nem tinha colocado as sapatilhas, mas alguém já estava duvidando da minha capacidade.

Naquele dia, voltei para casa triste. Pela primeira vez, pensei que talvez meu

sonho fosse grande demais. Minha mãe percebeu minha tristeza e perguntou:

— Você ainda quer dançar?

Fiquei alguns segundos em silêncio e então respondi:

— Quero. Isso é o que eu mais desejo!

Minha mãe segurou minhas mãos e disse:

— Então não deixe que a dúvida de outra pessoa vire o limite do seu sonho.

Aquelas palavras ficaram guardadas no meu coração.

Depois disso, encontrei outra professora, chamada Sandra, que decidiu me dar uma oportunidade. No primeiro dia de aula, ela não perguntou apenas o que eu não conseguia fazer. Perguntou como poderia me ensinar.

Ela explicava cada movimento com cuidado, descrevia o espaço e permitia que eu tocasse seus braços e pernas para compreender determinadas posições. Aos poucos, comecei a memorizar os movimentos e desenvolvi minha própria maneira de aprender. No início, não foi fácil.

Algumas colegas olhavam para mim com curiosidade. Outras cochichavam.

Certa vez, uma menina perguntou:

— Como você vai conseguir dançar se não consegue enxergar?

Fiquei triste, mas respondi:

— Eu danço ouvindo a música, sentindo o ritmo e aprendendo os movimentos. Talvez eu dance de uma maneira diferente, mas isso não significa que eu não possa dançar.

A professora Sandra ouviu e sorriu.

— É exatamente isso, Joaninha. A dança também é feita de sentimento.

Os meses passaram e eu evoluí muito. Caí algumas vezes, errei passos e precisei recomeçar. Houve dias em que voltei para casa frustrada, pensando em desistir.

Mas, sempre que pensava em abandonar o balé, lembrava-se do motivo pelo qual havia começado. Eu não queria ser bailarina para provar que era melhor do que alguém.

Eu queria ser bailarina porque amava dançar. Certo dia, a professora Sandra anunciou que a escola faria um grande espetáculo. Fiquei muito feliz quando soube que participaria. Porém, surgiu um novo problema.

O espetáculo seria realizado em um teatro grande, com muitos bailarinos, mudanças de posição e movimentos que exigiam bastante atenção. Algumas pessoas ficaram preocupadas com a minha participação.

— Talvez seja mais seguro deixá-la fora dessa apresentação — sugeriu uma das responsáveis. Ouvi aquilo e senti o mesmo aperto no peito que havia sentido anos antes. Mais uma vez, alguém estava decidindo por mim.

Naquela noite, cheguei em casa chorando.

— Mãe, talvez eles tenham razão. Talvez eu nunca consiga ser uma bailarina de verdade. Minha mãe segurou minhas mãos firmemente e olhou nos meus olhos.

— Filha, você quer desistir porque descobriu que não consegue ou porque alguém disse que você não consegue? Não respondi. Eu sabia a resposta. No dia seguinte, voltei para a escola de dança e conversei com Sandra.

— Eu quero participar. Mas preciso que me ajudem a encontrar uma maneira segura de fazer isso.

Sandra respondeu:

— Então vamos encontrar juntas.

A partir daquele momento, todos começaram a trabalhar para tornar a apresentação acessível. Ensaiei várias vezes no palco. Decorei cada espaço, cada posição e cada mudança da coreografia. Meus colegas também aprenderam a respeitar meu ritmo e a importância de se comunicarem comigo. Os ensaios foram cansativos, mas eu não desisti. Finalmente, chegou a noite do espetáculo.

O teatro estava lotado. Nos bastidores, eu segurava minhas sapatilhas com força. Meu coração batia rapidamente. Eu estava nervosa e com medo de errar. Sandra se aproximou e perguntou:

— Está pronta?

Respirei fundo.

— Estou.

As luzes se apagaram. A música começou. Entrei no palco. Durante alguns segundos, senti medo. O silêncio da plateia parecia enorme. Eu sabia que muitas pessoas estavam ali para me ver dançar e que algumas talvez ainda acreditassem que uma pessoa com deficiência visual não poderia estar naquele palco. Então ouvi a música. E tudo mudou. Eu conhecia aquela melodia. Conhecia cada movimento. Conhecia o espaço onde estava. Comecei a dançar.

Meus movimentos acompanhavam o ritmo. Cada passo era resultado de meses de esforço, quedas, dúvidas e recomeços. Em determinado momento, precisava atravessar o palco e mudar de posição. Durante um instante, fiquei insegura. Mas ouvi a música e lembrei-me de tudo o que havia treinado.

Continuei. Quando a coreografia terminou, o teatro ficou em silêncio por um breve momento. Então vieram os aplausos. Fortes. Emocionados.

Fiquei parada no centro do palco, tentando controlar as lágrimas. Eu não conseguia ver o público, mas conseguia ouvir cada aplauso e sentir a emoção das pessoas. E naquele som havia algo que eu nunca esqueceria. Não era apenas uma salva de palmas. Era o reconhecimento de que eu pertencia àquele lugar. Nos bastidores, Sandra me abraçou.

— Parabéns! Você conseguiu.

Sorri, emocionada, e respondi:

— Nós conseguimos.

Depois daquela noite, minha história começou a ser conhecida na cidade. Algumas pessoas passaram a enxergar a deficiência de outra maneira. Recebi convites para participar de outros espetáculos e continuei estudando balé.

Mas minha maior conquista não foi subir em um palco. Foi não permitir que o preconceito escolhesse o tamanho do meu sonho. Descobri que algumas barreiras não estavam nos meus olhos, mas na maneira como algumas pessoas en-

xergavam as pessoas com deficiência. Também percebi que inclusão não significa fingir que as diferenças não existem. Significa respeitá-las e criar condições para que todos possam participar.

Anos depois, quando alguém me perguntava como eu havia conseguido me tornar bailarina mesmo tendo deficiência visual, eu respondia:

— Eu não precisei enxergar o palco para saber que aquele era o meu lugar. Eu precisei acreditar que também tinha direito de estar nele.

Minha história não é a história de uma menina que venceu sua deficiência. É a história de uma menina que venceu o preconceito, enfrentou as barreiras e não desistiu daquilo que amava. Continuei sendo a mesma Joaninha: uma garota alegre, sonhadora, determinada e apaixonada pela dança. Minha deficiência fazia parte da minha história, mas nunca foi toda a minha história. Aprendi que sonhos não precisam de uma única forma para serem realizados. Às vezes, é preciso encontrar um caminho diferente.

E foi por esse caminho que eu dancei. Com coragem. Com emoção. Com determinação. E, acima de tudo, com o direito de sonhar.



Capítulo XVIII

EU TAMBÉM CHEGO LÁ

Kaik Coelho de Sá

Meu nome é Théo, tenho dez anos e moro no bairro Jardim das Acácias desde que nasci. Gosto de desenhar dragões em cadernos inteiros, sou fã do time de futebol do meu pai e, se me perguntarem qual é o meu sonho, respondo sem pensar duas vezes: quero ser engenheiro e construir pontes que liguem lugares que ninguém imaginava que pudessem se conectar. Uso uma cadeira de rodas desde os quatro anos, depois de uma doença que afetou minhas pernas, mas isso é só um detalhe entre tantos outros que formam quem eu sou — como o fato de eu comer pão de queijo até de sobremesa e de nunca conseguir dormir sem antes ler pelo menos duas páginas de um livro de aventura.

Tudo o que vou contar aconteceu numa sexta-feira de outubro, no pátio da Escola Municipal Monteiro Lobato, no dia da Gincana de Fim de Ano. Era uma manhã quente, dessas em que o sol parece brincar de esconde-esconde atrás das nuvens finas, e o pátio estava decorado com bandeirinhas coloridas feitas pela turma do 5º ano — a minha turma.

A gincana tinha várias provas: caça ao tesouro, prova de perguntas e respostas, e, para fechar com chave de ouro, a Corrida da Amizade, em que as equipes precisavam completar um circuito pelo pátio, contornando o jardim, passando pela quadra e terminando perto do portão principal. Eu estava na equipe verde, junto com minha amiga Bia, que é a pessoa mais teimosa e leal que eu conheço, e com o Marcelo, que vive contando piadas ruins nas horas mais inesperadas.

Quando chegou a nossa vez de correr, descobrimos um problema que ninguém tinha previsto: o trajeto passava por um trecho de pedras irregulares, seguido de um degrau alto na entrada da quadra, colocado ali havia anos e nunca antes um obstáculo para mim. Naquele momento, virou.

— E agora? — perguntou Marcelo, coçando a cabeça.

Senti um aperto no peito. Não era a primeira vez que um lugar comum se tornava, de repente, uma parede para mim. Lembrei-me de outras ocasiões parecidas, de olhares de pena que eu odiava receber, do medo de atrasar minha equipe, de virar motivo de desculpa para uma derrota. Fiquei quieto por alguns se-

gundos, olhando para o degrau como se ele fosse um adversário à minha altura.

Foi Bia quem quebrou o silêncio.

— Ninguém vai passar por esse degrau sem o Théo. Se ele não passa, a gente também não passa — disse ela, cruzando os braços, com aquele jeito dela de não aceitar um "não" como resposta.

O professor Renato, que coordenava a prova, se aproximou e observou a situação com atenção.

— Vocês têm ideias? — perguntou ele, olhando para o nosso grupo. — Prefiro que a solução venha de vocês.

Foi então que a Amanda, de outra equipe, correu até o depósito de materiais de Educação Física e voltou com duas tábuas compridas, usadas normalmente para os exercícios de equilíbrio. Junto com o Marcelo e mais dois colegas de equipes diferentes, eles apoiaram as tábuas sobre as pedras irregulares e encostaram a outra ponta no degrau, formando uma rampa improvisada. Não era perfeita, tinha uma leve inclinação e rangia um pouco quando alguém pisava nela, mas ali estava: um caminho possível.

O pátio, que antes fervilhava de gritos e risadas, foi ficando mais silencioso à medida que as outras equipes percebiam o que estava acontecendo. Olhei para a rampa, depois para minhas mãos, e senti o coração bater rápido — não de medo, mas de uma expectativa que eu não sabia nomear direito.

— Vai, Théo! — gritou alguém lá do fundo, e logo em seguida outras vozes se juntaram, formando um coro que ecoava entre as paredes da quadra.

Respirei fundo, posicionei as mãos nas rodas e comecei a empurrar. A rampa balançou um pouco sob o peso, e por um instante pensei que fosse escorregar, mas continuei, com Bia caminhando ao meu lado, pronta para segurar a cadeira se fosse preciso, mas sem tocar em nada — ela sabia que eu precisava fazer aquela parte sozinho. Senti os braços arderem, o suor escorrer pela testa, mas também senti algo mais forte que o cansaço: a certeza de que eu não estava pedindo para ser carregado, e sim para que o caminho fosse possível.

Quando as rodas da minha cadeira tocaram o chão da quadra, do outro lado do degrau, o pátio inteiro explodiu em aplausos. Não porque eu tivesse vencido a corrida

Na verdade, terminamos em terceiro lugar —, mas porque, pela primeira vez naquela escola, um obstáculo tinha sido resolvido em conjunto, sem que ninguém precisasse ficar para trás. Bia me abraçou, ainda ofegante, e disse baixinho, só para mim:

— Viu? Eu falei que a gente chegava junto.

Marcelo, é claro, aproveitou o momento para soltar mais uma de suas piadas sem graça sobre rampas e escorregadores, o que fez todo mundo rir e aliviar a tensão que tinha ficado no ar.

Naquela noite, deitado na cama, olhando para o teto do meu quarto cheio de desenhos de pontes colados na parede, pensei em como aquele degrau, que por tanto tempo poderia ter sido apenas mais uma barreira, virou o começo de uma lição que a escola inteira aprendeu comigo — e eu aprendi com ela. Entendi que inclusão não é ninguém fazer as coisas por mim, é todo mundo, junto, en-

contrar um jeito de eu fazer também. Que minha cadeira de rodas não é uma jaula nem um motivo de pena: é só uma parte da minha história, ao lado do meu amor por dragões, pontes e pão de queijo.

No dia seguinte, contei para meu pai o que tinha acontecido, e ele sorriu daquele jeito orgulhoso que só os pais sabem sorrir.

— Um dia você vai construir pontes de verdade — disse ele. — Eu já construí uma ontem — respondi. — Só que essa era de madeira, e ligava um degrau a um sonho.



Capítulo XIX

O MEU JEITO DE VER O MUNDO

Pedro Lucas Carvalho Santana

Meu nome é Francisco. Eu moro em uma cidade pequena chamada Isaías Coelho, no Piauí, e estudo na Escola Municipal Nelson Moura Fé.

Eu sou autista e também tenho uma deficiência. Algumas pessoas acham que, por causa disso, eu não consigo fazer muitas coisas. Mas eu gosto de mostrar que cada pessoa tem o seu próprio jeito de aprender, brincar, conversar e enxergar o mundo.

Todos os dias, quando acordo, me preparo para ir à escola. Eu gosto de estar lá. Gosto de ouvir os professores, de ficar perto dos meus colegas e de aprender coisas novas. Às vezes, algumas atividades são difíceis para mim e eu preciso de um pouco mais de tempo ou da ajuda de alguém. Mas eu não desisto.

Eu também tenho momentos em que prefiro ficar mais quieto. Gosto de observar as coisas ao meu redor. Presto atenção nos sons, nas pessoas, nos animais, nas árvores e em pequenos detalhes que muitas vezes ninguém percebe.

Mas nem todos os dias são fáceis.

Um dia, durante o recreio, alguns colegas estavam brincando. Eu queria participar também. Cheguei perto deles e tentei entrar na brincadeira, mas alguns começaram a rir de mim porque eu não conseguia acompanhar o ritmo deles.

Um deles disse: “Você não sabe brincar direito.” Eu fiquei parado, sem saber o que falar.

Quando muitas coisas acontecem ao mesmo tempo, eu fico confuso. Os barulhos ficam mais fortes, as pessoas falando parecem se misturar e, às vezes, eu só preciso de um pouco de silêncio para conseguir me acalmar. Naquele dia, voltei para a sala e fiquei quieto.

Comecei a pensar que talvez eu fosse diferente demais. Pensei que talvez fosse melhor não tentar mais brincar com ninguém. Quando cheguei em casa, contei o que tinha acontecido. Eu estava triste e disse que não queria voltar para a escola no dia seguinte.

Mas minha família me disse: “Francisco, você não precisa deixar de ser quem você é para que as outras pessoas gostem de você.” Fiquei pensando naquilo durante muito tempo.

No dia seguinte, voltei para a escola mesmo estando com medo.

Quando cheguei, minha professora percebeu que eu estava diferente. Ela sentou ao meu lado e perguntou o que tinha acontecido. Eu contei tudo.

Ela me ouviu e disse: “Francisco, algumas pessoas ainda precisam aprender que ser diferente não é ser menos. E você não precisa desistir por causa daquilo que os outros ainda não aprenderam.” Aquelas palavras ficaram guardadas no meu coração.

Alguns dias depois, minha professora pediu que todos nós fizéssemos um desenho sobre o que achávamos mais bonito na nossa cidade. Eu fiquei olhando para o papel por alguns minutos. Depois, comecei a desenhar.

Desenhei uma árvore bem grande. Debaixo dela, desenhei várias crianças de mãos dadas. No meio delas, desenhei um menino sorrindo.

Quando terminei, minha professora perguntou: “Francisco, quem é esse menino?” Eu respondi: “Sou eu.” Ela sorriu e perguntou: “ E por que você desenhou todas essas crianças de mãos dadas?”

Eu olhei para o desenho e respondi: “Porque ninguém deveria ficar sozinho.” Naquele momento, meus colegas começaram a entender um pouco mais sobre mim. Eles perceberam que eu não precisava ser igual a eles para poder brincar, aprender e fazer parte da turma. Eu sou apenas o Francisco.

Tenho minhas dificuldades, mas também tenho meus sonhos, minhas alegrias, minhas qualidades e muitas coisas que ainda quero aprender. Às vezes, as pessoas olham primeiro para aquilo que eu não consigo fazer. Eu gostaria que elas olhassem também para tudo aquilo que eu consigo.

Eu quero estudar, aprender, fazer amigos e conquistar meus sonhos.

Hoje, quando caminho pelas ruas de Isaías Coelho e vou para a minha escola, continuo aprendendo uma coisa muito importante: Eu não preciso enxergar o mundo do mesmo jeito que todo mundo. Eu posso enxergá-lo do meu jeito. E talvez o meu jeito também possa ensinar alguma coisa para o mundo. Porque ser diferente não significa ser menos.

Eu sou Francisco. Tenho meu próprio jeito de ser, de aprender e de sonhar. E esse jeito também tem um lugar no mundo.



Capítulo XX

ALÉM DAS RODAS

Ananda Ewellyn de Andrade Coelho

Meu nome é Laura, tenho quinze anos e sou uma menina que gosta de desenhar, ouvir música e passar o tempo com minhas amigas. Desde pequena, uso uma cadeira de rodas. Ela faz parte da minha vida, mas nunca deixei que ela definisse quem e sou aquilo que posso fazer. Naquele ano, comecei a estudar em uma escola nova.

Eu estava muito animada para conhecer pessoas, fazer novas amizades e viver novas experiências. No primeiro dia de aula, minha mãe me acompanhou até a entrada da escola. Eu olhei para aquele prédio enorme e fiquei imaginando tudo o que aconteceria ali. No entanto, logo percebi que algumas coisas seriam mais difíceis do que eu imaginava.

Na entrada principal havia uma escada, então precisei usar uma rampa estreita que ficava ao lado do prédio. Algumas salas também eram difíceis de acessar e o banheiro não possuía todas as adaptações necessárias. No começo, fiquei com vergonha de falar sobre aquilo. Eu não queria que as pessoas sentissem pena de mim ou pensassem que eu era incapaz.

Eu só queria ser tratada como qualquer outra estudante.

Depois de algumas semanas, fiz amizade com Júlia e Mariana. As duas sempre conversavam comigo durante o intervalo e estavam dispostas a ajudar quando eu realmente precisava, mas nunca faziam as coisas por mim sem perguntar. Isso era importante para mim, porque eu gostava de sentir que continuava sendo independente. Certo dia, a professora Helena entrou na sala e anunciou:

— Pessoal, teremos uma feira cultural no final do mês. O tema será respeito às diferenças e inclusão. Vocês deverão formar grupos e preparar uma apresentação.

Eu gostei muito do tema e logo tive uma ideia. Formei um grupo com Júlia, Mariana e Pedro. No primeiro encontro, começamos a pensar no que poderíamos apresentar.

— Podemos fazer um cartaz, sugeriu Mariana.

— Acho que um vídeo seria melhor. — falou Pedro. Eu fiquei alguns segundos pensando e então disse:

— E se fizéssemos uma maquete de uma escola acessível? Os três olharam para mim.

— Como seria essa escola? — perguntou Pedro.

— Seria uma escola onde todos pudessem entrar, circular e participar das atividades. Poderíamos colocar rampas, elevadores, banheiros adaptados e outros recursos para pessoas com diferentes necessidades. Júlia gostou da ideia.

— Eu acho ótimo. Podemos mostrar que inclusão não é apenas para cadeirantes, mas para todas as pessoas que precisam de acessibilidade. Pedro, porém, não parecia convencido.

— Mas a escola já tem uma rampa. Será que precisa de tudo isso?

Naquele momento, fiquei um pouco chateada, mas respirei fundo e respondi:

— Ter uma rampa não significa que a escola seja completamente acessível. Eu consigo entrar, mas existem lugares onde não consigo chegar sozinha. Inclusão não é simplesmente deixar alguém entrar. É fazer com que essa pessoa possa participar de tudo.

Pedro ficou em silêncio.

Nos dias seguintes, começamos a construir a maquete. Eu fiquei responsável por desenhar a estrutura da escola e pensar nos detalhes. Enquanto trabalhávamos, contei aos meus amigos algumas situações que já tinha vivido. Falei sobre lugares onde não conseguia passar com minha cadeira, sobre pessoas que perguntavam coisas para minha mãe em vez de falarem diretamente comigo e sobre pessoas que tentavam me ajudar sem sequer perguntar se eu precisava.

Júlia ficou surpresa. — Eu nunca tinha parado para pensar nisso. — Muitas pessoas não pensam — respondi. — E eu não quero que tenham pena de mim. Só quero que entendam que todos devem ter as mesmas oportunidades. Aos poucos, Pedro também começou a entender.

Certo dia, enquanto terminávamos a maquete, ele sugeriu retirar uma das rampas porque estava ocupando muito espaço. — Se tirarmos essa parte, a maquete vai ficar mais bonita — disse ele. Olhei para a maquete e respondi: — Mas, se tirarmos essa rampa, uma pessoa em uma cadeira de rodas não conseguirá chegar até aquela sala.

Pedro ficou alguns segundos em silêncio. — Você tem razão — disse ele. — Eu estava pensando apenas na aparência e não em quem realmente precisaria daquele espaço. Eu sorri. — É justamente isso que queremos mostrar. Finalmente chegou o dia da feira cultural. A escola estava cheia de alunos, professores e familiares. Quando chegou a nossa vez de apresentar, fui para a frente da sala.

Eu estava nervosa. Muitas pessoas estavam olhando para mim, mas respirei fundo e comecei a falar.

— Nossa maquete representa uma escola onde todos podem participar. Uma escola acessível não é um favor para as pessoas com deficiência. É um direito.

— Mostrei cada parte do projeto e expliquei por que as rampas, os espaços adaptados e os outros recursos eram importantes. Depois, falei sobre algo que considero ainda mais importante:

— Inclusão não acontece somente quando construímos uma rampa. Ela acontece quando respeitamos as pessoas, quando ouvimos suas necessidades e quando entendemos que ninguém deve ser excluído por ser diferente. Quando terminei, todos começaram a aplaudir. Depois da apresentação, Pedro veio falar comigo.

— Laura, quero pedir desculpas.

No começo, eu não entendia por que tudo isso era tão importante. Agora percebi que muitas coisas que parecem pequenas para mim podem ser grandes obstáculos para você. sorri para ele e respondi:

— Todo mundo pode aprender. O importante é estar disposto a ouvir. Nossa apresentação chamou a atenção da direção da escola. Depois da feira, os professores começaram a conversar sobre as mudanças que poderiam ser feitas para melhorar a acessibilidade. Algum tempo depois, novos espaços começaram a ser adaptados. Os alunos também passaram a conversar mais sobre inclusão e respeito às diferenças. Eu continuei estudando, desenhando, ouvindo música e sonhando com meu futuro.

Ainda sabia que enfrentaria muitos desafios, mas aprendi que não precisava enfrentá-los sozinha. Também percebi que minha história poderia ajudar outras pessoas a enxergar o mundo de uma maneira diferente. Eu nunca quis ser vista como uma heroína por usar uma cadeira de rodas. Eu só queria ter as mesmas oportunidades que qualquer outra pessoa.

Naquele ano, entendi que a verdadeira inclusão começa quando deixamos de olhar para as diferenças como obstáculos e começamos a enxergar as pessoas pelo que elas realmente são. E foi assim que aprendi que, às vezes, a maior barreira não está em uma escada ou em uma porta estreita, mas na falta de respeito e compreensão. Porque todos nós merecemos ter um lugar onde possamos pertencer.



Capítulo XXI

QUANDO APRENDI A SER OUVIDO

Pablo Ferreira Paixão

Meu nome é Yago e eu tenho deficiência auditiva. Desde pequeno, aprendi que algumas coisas que parecem simples para outras pessoas podem ser um pouco mais difíceis para mim. Eu consigo ouvir alguns sons, mas tenho dificuldade para entender as palavras, principalmente quando há muito barulho ou quando alguém fala sem olhar para mim.

Minha família sempre me apoiou. Minha mãe, principalmente, fez questão de aprender Libras para que a gente pudesse se comunicar melhor. No começo, eu achava estranho precisar de uma forma diferente de conversar, mas, com o tempo, percebi que Libras não era uma limitação. Era uma das formas que eu tinha para me expressar e ser compreendido.

Quando completei onze anos, mudei de escola. Eu estava animado para conhecer pessoas novas, mas também tinha medo. Pensava em como os outros alunos iriam reagir quando descobrissem que eu não conseguia acompanhar uma conversa do mesmo jeito que eles.

Nos primeiros dias, tentei ficar quieto. Na sala de aula, eu prestava atenção no professor, mas muitas vezes ele falava enquanto escrevia no quadro. Eu perdia partes importantes da explicação e ficava sem saber o que fazer. Algumas vezes, pedia para ele repetir. Outras, preferia ficar calado para não chamar atenção.

Eu voltava para casa pensando que talvez fosse melhor não perguntar mais nada. Minha mãe percebeu que eu estava diferente e perguntou o que tinha acontecido. Contei que estava com dificuldade para acompanhar as aulas e que tinha medo de parecer diferente dos outros.

Ela segurou minha mão e disse que eu não precisava ter vergonha de pedir ajuda. Segundo ela, ter uma deficiência não significava ser menos capaz. Eu sabia que ela estava certa, mas ainda precisava aprender a acreditar nisso.

Alguns dias depois, aconteceu algo que mudou minha experiência naquela escola. Durante o intervalo, um garoto chamado Mateus se aproximou. Ele percebeu que eu usava o celular para escrever quando tinha dificuldade de enten-

der alguém e perguntou, pelo telefone: “Você pode me ensinar alguns sinais?”

Eu fiquei surpreso. Ninguém tinha me perguntado aquilo antes. Mostrei alguns sinais simples, e Mateus tentou repetir. Ele errou vários, nós rimos e continuamos tentando. A partir daquele dia, ele começou a aprender Libras aos poucos.

Com o tempo, Mateus passou a conversar comigo usando alguns sinais. Ele também ajudou outros colegas a entenderem que pequenas atitudes faziam diferença. Quando alguém queria falar comigo, passou a chamar minha atenção antes e olhar para mim. O professor começou a escrever palavras importantes no quadro e a falar de frente para a turma.

Não foi tudo perfeito. Ainda existiam momentos em que eu me sentia deixado de lado. Em um trabalho em grupo, por exemplo, um aluno disse que seria melhor eu não participar da apresentação porque talvez eu não conseguisse acompanhar. Aquilo doeu. Por alguns segundos, pensei em concordar e ficar apenas observando. Mateus, porém, respondeu antes de mim: “Você faz parte do grupo. A gente vai fazer isso junto.”

Foi uma frase simples, mas naquele momento significou muito. Pela primeira vez, senti que alguém não estava tentando fazer as coisas por mim. Estava apenas garantindo que eu tivesse a mesma oportunidade de participar.

No dia da apresentação, falamos sobre inclusão. Quando chegou minha vez, fiquei nervoso. Respirei fundo e comecei a explicar, usando Libras enquanto uma colega interpretava para a turma. Contei que a deficiência auditiva fazia parte da minha vida, mas não dizia tudo sobre quem eu era.

Expliquei que eu também tinha sonhos, dificuldades, qualidades e coisas que queria aprender. Disse que inclusão não significava tratar uma pessoa como se ela fosse incapaz. Significava criar condições para que ela pudesse participar de verdade.

Quando terminei, a sala ficou em silêncio por alguns segundos. Depois, começaram os aplausos. Eu olhei para Mateus e sorri. Naquele momento, percebi que eu não precisava esconder aquilo que me tornava diferente. Eu precisava apenas de pessoas dispostas a me conhecer e a encontrar comigo uma maneira de se comunicar.

Depois da apresentação, o aluno que havia dito que eu não deveria participar veio conversar comigo. Ele pediu desculpas e disse que não tinha entendido que eu poderia fazer aquilo. Eu aceitei o pedido. Não porque aquela situação não tivesse me machucado, mas porque percebi que algumas pessoas precisam conhecer uma realidade diferente para aprender a enxergá-la de outra maneira.

Naquele dia, voltei para casa pensando em tudo o que tinha acontecido. Eu ainda teria dificuldades. Ainda haveria lugares barulhentos, conversas que eu não entenderia e momentos em que precisaria pedir ajuda. Mas isso já não me fazia sentir menor.

Talvez eu mudasse algumas dificuldades do meu dia a dia. Mas não mudaria quem eu sou. Porque foi aprendendo a viver do meu jeito que descobri que ser diferente não significa ser menos. Significa apenas encontrar uma maneira própria de seguir em frente. E essa é a maneira que eu escolhi para continuar escrevendo a minha história.



Capítulo XXII

UM FRASCO CHEIO DE DEPOIS

Josimar Soares da Silva

Há acontecimentos dos quais não guardamos memória, mas que, mesmo assim, parecem se lembrar de nós todos os dias. O meu aconteceu quando eu era pequeno demais para entender que certas coisas não deveriam ser tocadas, muito menos levadas à boca. Não me lembro do gosto, da garrafa, do instante em que engoli, nem do desespero que deve ter tomado conta da casa quando perceberam o que eu havia feito. Tudo o que sei daquela tarde chegou até mim pela voz dos outros, principalmente pela voz de minha mãe, que sempre diminuía o tom quando contava essa história, como se ainda houvesse alguma coisa adormecida naquele passado que pudesse acordar se ela falasse alto demais. Sei que meu pai tinha uma pequena mercearia na frente de casa, dessas em que se vende quase tudo o que cabe em prateleiras apertadas: arroz, feijão, açúcar, farinha, biscoitos, sabão, fósforos, querosene e outros produtos que, naquele tempo, ficavam muito mais ao alcance das mãos do que deveriam. Eu era uma criança traquina, dessas que mexem onde não podem, abrem o que encontram, sobem em bancos, desaparecem por alguns minutos e fazem os adultos gritarem seus nomes pela casa. Numa dessas travessuras, encontrei uma substância tóxica que era comercializada na mercearia. Não sei o que pensei quando a levei à boca. Talvez não tenha pensado nada. Crianças pequenas não conhecem o perigo pelo nome. Conhecem o mundo experimentando-o. E, naquele dia, experimentei justamente aquilo que mudaria para sempre a maneira como eu compreenderia esse mesmo mundo.

Minha mãe conta que me encontrou passando mal e que, depois disso, tudo aconteceu depressa. Gritos, vizinhos, braços me carregando, uma viagem desesperada em busca de atendimento, meu pai repetindo que a culpa era dele e minha mãe pedindo a Deus que não me levasse. Não sei quanto tempo fiquei entre médicos, medicamentos e o medo dos meus pais. Dessa parte da minha vida, possuo apenas imagens emprestadas, construídas tantas vezes pelas histórias que ouvi que já não sei se algumas delas são lembranças minhas ou lembranças que inventei para preencher aquilo que minha memória não alcança. Sei apenas que sobrevivi. Durante muito tempo, essa palavra pareceu suficiente para minha

família. Eu estava vivo, voltara para casa, continuava sendo o menino que corria pelo quintal e reconhecia a voz de minha mãe. Aos poucos, porém, perceberam que alguma coisa havia mudado. O acidente deixara consequências. Enquanto outras crianças avançavam com mais facilidade em determinadas aprendizagens, eu precisava de mais tempo. Algumas explicações pareciam chegar até mim por caminhos compridos. Havia situações em que eu não compreendia imediatamente o que esperavam de mim, outras em que acreditava facilmente nas pessoas e momentos em que precisava que alguém explicasse novamente aquilo que para os demais parecia evidente. Mais tarde vieram avaliações, consultas, palavras difíceis pronunciadas por adultos diante de mim e, finalmente, uma expressão que passaria a acompanhar minha vida: deficiência intelectual.

Cresci ouvindo pessoas contarem minha história como se minha vida pudesse ser dividida em duas partes perfeitamente separadas: o menino antes do acidente e o menino depois dele. Eu não conheci o primeiro. Às vezes me falavam que eu era muito esperto, muito atento, que aprendia tudo depressa, e essas frases me causavam uma tristeza que eu não sabia explicar. Pareciam elogios dirigidos a alguém que tinha morado no meu corpo antes de mim. Passei anos imaginando esse menino desconhecido, perguntando-me quem ele teria sido se não tivesse alcançado aquela substância na mercearia. Será que aprenderia mais depressa? Será que tiraria notas melhores? Será que meus pais teriam menos preocupações? Durante algum tempo, cheguei a sentir ciúme de uma versão de mim mesmo que talvez nem tivesse existido da maneira como os adultos recordavam. A memória também inventa perfeições para aquilo que perdeu, e eu demorei a entender que não precisava competir com uma criança imaginária para merecer o amor de ninguém.

Foi na escola que comecei a perceber com maior clareza aquilo que os adultos chamavam de dificuldade. As letras não eram minhas inimigas, mas também não se entregavam facilmente. Eu precisava ler algumas frases duas, três, quatro vezes. Quando o professor explicava muito depressa, as palavras pareciam correr na minha frente e eu tentava alcançá-las, mas algumas escapavam. Em Matemática, certos problemas me confundiam porque eu precisava descobrir não apenas a conta, mas aquilo que a pergunta queria de mim. Às vezes eu sabia responder quando alguém explicava oralmente, mas não conseguia colocar a mesma resposta no papel. Outras vezes precisava de exemplos concretos, desenhos, objetos, repetições. Aprendi que meu tempo não era exatamente o tempo da sala, e durante muitos anos achei que isso significava que havia alguma coisa errada comigo. Enquanto alguns terminavam uma atividade e começavam a conversar, eu ainda estava tentando compreender a terceira questão. Quando o professor dizia que faltavam dez minutos, parecia que aqueles dez minutos pertenciam mais aos outros do que a mim.

O pior não era precisar de mais tempo. O pior era perceber que algumas pessoas confundiam precisar de mais tempo com não ser capaz de aprender. Houve quem respondesse por mim antes que eu pudesse organizar uma resposta, quem falasse comigo devagar demais, separando as palavras como se eu não entendesse português, e quem decidisse aquilo que eu poderia ou não fazer sem sequer perguntar minha opinião. Também houve colegas que descobriram rapidamente que eu acreditava com facilidade em determinadas brincadeiras. Diziam alguma coisa absurda com o rosto sério, eu acreditava, e depois todos riam. No começo, eu ria também, porque queria pertencer ao grupo. Mais tarde enten-

di que existe uma diferença enorme entre rir com alguém e transformar alguém no motivo da risada. Essa talvez tenha sido uma das aprendizagens mais difíceis da minha vida, porque não estava escrita em nenhum livro. Precisei aprender a desconfiar sem deixar de confiar, a perguntar quando não compreendia e a dizer que não quando alguma coisa parecia errada, mesmo que os outros insistissem que era brincadeira.

Meu pai carregava o acidente de outra maneira. Nunca precisou me dizer que se culpava; eu percebia. Bastava alguém mencionar a velha mercearia para que seus olhos procurassem outra coisa. O comércio já não existia quando cresci. No lugar onde ficavam as prateleiras, havia uma sala com alguns móveis velhos e caixas empilhadas. Certa vez, encontrei meu pai ali e perguntei onde ficava a substância que eu tinha tomado. Ele demorou a responder. Apontou para um canto e disse que provavelmente estava numa prateleira alta, embora ninguém mais soubesse ao certo. Depois ficou em silêncio. Eu devia ter uns treze anos e, naquela idade, já entendia algumas coisas que ele acreditava que eu não entendia. Perguntei se ele se sentia culpado. Meu pai baixou a cabeça e respondeu que deveria ter guardado aquilo melhor, que um pai deveria proteger o filho até das coisas que o filho não sabe que podem machucá-lo. Fiquei olhando para ele durante alguns segundos e percebi que o acidente não havia acontecido apenas comigo. De alguma maneira, meu pai também permanecera preso naquela tarde durante todos aqueles anos.

Minha mãe lidava comigo de outra forma. Protegia demais. Queria saber onde eu estava, com quem estava, aonde ia, quando voltaria. Se precisava atravessar a cidade sozinho, perguntava três vezes se eu sabia o caminho. Se alguém me convidava para alguma coisa, queria conhecer a pessoa. Durante muito tempo, isso me irritou. Eu dizia que já não era criança e ela respondia que sabia, embora seu comportamento dissesse o contrário. Só depois compreendi que, para minha mãe, uma parte de mim continuava sendo aquele menino que ela encontrou passando mal perto da mercearia. O medo também envelhece dentro das pessoas. Ela não desconfiava necessariamente da minha capacidade; desconfiava do mundo e da possibilidade de que alguma coisa me acontecesse outra vez. Ainda assim, precisei aprender a dizer a ela que proteção demais também pode virar parede. Eu precisava errar algumas vezes, escolher, perguntar, pegar ônibus, comprar minhas coisas, resolver problemas e descobrir que autonomia não nasce pronta. É uma aprendizagem, como tantas outras.

Minha relação com a escola começou a mudar quando encontrei professores que perceberam algo simples, mas que para mim foi revolucionário: eu aprendia. Talvez não da mesma maneira, talvez não no mesmo ritmo, talvez precisasse de estratégias diferentes, mas aprendia. Uma professora começou a dividir determinadas atividades em etapas menores e a conferir comigo se eu havia entendido o comando antes de começar. Outro professor percebeu que exemplos concretos me ajudavam a compreender ideias abstratas. Aos poucos, deixei de levantar a mão apenas quando tinha certeza absoluta da resposta. Comecei a perguntar. E perguntar foi uma forma de coragem, porque durante muito tempo eu permanecia em silêncio para que ninguém descobrisse que não tinha compreendido. Descobri que dizer “explique novamente” não diminuía minha inteligência; ao contrário, era uma maneira de assumir responsabilidade pela minha própria aprendizagem.

Houve uma apresentação na escola que guardo como uma espécie de fron-

teira. Precisávamos falar diante da turma sobre nossas trajetórias e eu pensei durante dias se contaria ou não sobre o acidente. Minha mãe disse que eu não precisava, meu pai pediu que eu escolhesse aquilo que me deixasse confortável, mas eu estava cansado de ouvir minha história sempre pela boca dos outros. Minha mãe contava o acidente. Meu pai contava o acidente. Médicos escreviam sobre suas consequências. Professores registravam minhas dificuldades. Documentos descreviam minhas necessidades. Todo mundo parecia possuir uma versão de mim, e naquele dia percebi que eu também tinha direito à minha. Quando fiquei diante da turma, minhas pernas tremiam. Contei que, quando criança, havia ingerido uma substância tóxica por acidente e que aquilo deixara consequências que afetavam algumas formas de aprender, compreender e lidar com determinadas situações. Não contei para despertar pena. Disse isso claramente. Contei porque queria que soubessem que precisar de mais tempo não significava não pensar, que pedir uma explicação diferente não significava ser incapaz e que ter deficiência intelectual não fazia de mim uma criança eterna.

Depois daquela apresentação, nada se transformou de maneira milagrosa. Continuei precisando de ajuda em algumas situações. Continuei demorando mais em certas tarefas. Continuei errando coisas que outras pessoas consideravam simples. Mas comecei a perceber algo que ninguém havia conseguido me ensinar diretamente: autonomia não é fazer tudo sozinho. Durante muito tempo, pensei que, para provar que era capaz, precisaria recusar qualquer ajuda. Depois entendi que todas as pessoas dependem umas das outras, embora algumas formas de dependência sejam consideradas normais e outras sejam apontadas como deficiência. Minha autonomia começou quando passei a reconhecer aquilo que conseguia fazer sozinho, aquilo em que precisava de orientação e, principalmente, quando aprendi a participar das decisões sobre minha própria vida.

Ainda existem pessoas que falam comigo olhando para quem está ao meu lado, como se minha resposta precisasse de um intérprete. Existem pessoas que se surpreendem quando percebem que tenho opiniões, desejos, raiva, senso de humor, planos e capacidade de escolher. Outras tentam me elogiar dizendo que sou “especial”, palavra que quase sempre me deixa desconfortável porque às vezes parece uma maneira bonita de evitar enxergar quem realmente sou. Não quero ser tratado como exemplo de sofrimento nem como herói porque faço coisas que outras pessoas fazem todos os dias. Quero apenas que entendam que minha deficiência faz parte de mim, mas não consegue contar sozinha a minha história.

Às vezes volto ao cômodo onde funcionava a mercearia de meu pai. As prateleiras já não existem e quase nada naquele espaço lembra o comércio de antigamente. Mesmo assim, gosto de ficar ali. Durante anos, imaginei que naquele lugar estivesse guardada a origem de tudo o que havia dado errado em minha vida. Pensava na criança que pegou uma embalagem sem conhecer o perigo e sentia raiva dela. Como alguém pode sentir raiva de si mesmo aos três ou quatro anos? Eu sentia. Queria voltar no tempo, arrancar aquilo de suas mãos e dizer que não bebesse, que aquele pequeno gesto atravessaria anos, consultas, escolas, preocupações e silêncios. Hoje, quando imagino aquela criança, já não sinto raiva. Vejo apenas um menino curioso diante de uma prateleira. Ele não sabia. Meu pai também não sabia que carregaria culpa durante tantos anos. Minha mãe não sabia que passaria parte da vida tentando me proteger de todos os perigos possíveis. Nenhum de nós sabia. Talvez crescer tenha sido compreender que

uma família inteira pode passar décadas tentando sobreviver a alguns segundos.

Hoje, quando alguém pergunta o que aconteceu comigo, conto o acidente se considero necessário. Mas não começo mais minha história por ele. Durante muito tempo disseram que minha vida mudou naquele gole, e provavelmente mudou. Só que minha vida não terminou ali. Depois dele veio minha infância, a escola, as dificuldades, os professores que acreditaram em mim, os colegas que me machucaram, os amigos que aprenderam comigo, minhas primeiras escolhas, meus erros, minhas conquistas e uma quantidade enorme de coisas que nenhum diagnóstico poderia prever.

Ainda aprendo em meu próprio tempo. Algumas decisões exigem que eu peça ajuda. Certas explicações precisam chegar até mim por caminhos diferentes. Há situações em que me confundo e outras em que surpreendo pessoas que esperavam pouco de mim. Já não vivo tentando provar que sou igual a todo mundo, porque descobri que igualdade não deveria significar transformar todas as pessoas na mesma pessoa. Quero estudar, trabalhar, ganhar meu próprio dinheiro, ajudar meus pais e construir uma vida na qual minhas escolhas sejam escutadas. Talvez eu precise de apoio para algumas dessas coisas. Isso não faz com que os sonhos deixem de ser meus.

Às vezes penso naquele menino diante da prateleira e imagino atravessar o tempo para encontrá-lo segundos antes do acidente. Durante muitos anos, minha fantasia era arrancar a substância de sua mão e impedir tudo. Hoje minha imaginação faz outra coisa. Aproximo-me dele, abaixo-me até ficar da sua altura e seguro sua mão pequena. É claro que impediria o acidente se pudesse. Poupar-ia meus pais da culpa, minha mãe do medo e a mim mesmo de muitas dificuldades. Mas, antes de voltar, eu diria alguma coisa que levei quase uma vida para aprender: “Você não sabe o que está segurando agora. E muita coisa vai mudar depois disso. Algumas serão difíceis. Muito difíceis. Mas não deixe ninguém convencer você de que aquele instante será maior do que todos os outros que ainda virão.” Porque durante anos pensei que minha história começava no dia em que engoli aquilo. Hoje sei que não. Aquele foi apenas um acontecimento. Minha história começou quando nasci e continuou depois dele.

Continua cada vez que aprendo alguma coisa que disseram que seria difícil demais para mim, cada vez que faço uma escolha, cada vez que peço ajuda sem sentir vergonha, cada vez que digo não, cada vez que minha opinião é escutada e também quando preciso insistir para que seja. Continua quando meu pai finalmente consegue falar daquele dia sem baixar os olhos e quando minha mãe percebe, mesmo com medo, que precisa soltar um pouco minha mão para que eu aprenda a caminhar com minhas próprias decisões. Eu sobrevivi àquele gole, mas hoje sei que sobreviver foi apenas o começo. O mais difícil — e talvez o mais bonito — foi aprender que minha vida não precisava ser uma tentativa de voltar a ser o menino que existia antes dele. Eu não sou o antes. Também não sou apenas o depois. Sou tudo aquilo que continuei me tornando.



Capítulo XXIII

ESTÉTICA - A BELEZA DE CADA UM

Wanda Beatriz Ferreira Rodrigues

— Bethâaaania!

Esse que está gritando é o Cícero. A gente vai para a escola junto porque ele tem medo de pegar o ônibus sozinho e se perder de novo. Já ensinei várias vezes, mas ele insiste em falar que não aprendeu, só para eu ensinar de novo. Depois de um tempo, eu só desisti.

A gente acabou chegando na escola no horário do almoço e, o que já não é novidade. Oh! Povo que fala alto!

— Gente, vocês não vão acreditar!

Essa que chegou é a Crys.

— Cala a boca, Crys, isso não tem graça! — A Kendelly foi responder o coletivo de borboleta e falou "butterfly".

E, com essa fala, ela começou a sorrir como se fosse a coisa mais engraçada do mundo. — Aluna de segundo ano, Kendelly!

Tenho certeza de que você não saberia responder e depois eu me corrigir. Que saco! E assim eles ficaram discutindo o coletivo das coisas o intervalo todinho.

Na sala, a professora passou um trabalho e pediu para a gente formar grupos.

— O que é para a gente fazer mesmo? Não ouvi o que a professora falou, estava dormindo. — Meu Deus, você só presta para dormir! Eu expliquei que era para a gente montar uma apresentação sobre estética e que poderíamos apresentar do jeito que quiséssemos. — Como a gente vai fazer isso?

Acabou que a aula terminou e tivemos que nos reunir outro dia para resolver. Nós somos em seis: eu, Kendelly, Crys, Yuri, Cícero e Malu, mas a Malu não frequenta muito as aulas e o Cícero e o Yuri não estudam na mesma sala que a gente.

Com o trabalho, percebi que não sei nada de estética. Sem o sentido da visão, fica bem difícil saber disso. Fiquei bem frustrada, porque pensei que ia ser um peso morto para o grupo, mas a Kendelly teve uma ideia:

— A gente tem características bem diferentes umas das outras. Se a gente te falar como somos, você poderia ter uma noção.

Gostei da ideia e aceitei a proposta. Nesse dia, descobri que a Kendelly é uma mulher alta, negra, tem o cabelo volumoso e vermelho e é magra. A Crys é baixa, negra, tem o cabelo raspado nas laterais e um pouco alto no topo. O Cícero é branco, tem o cabelo cacheado, as costas largas e não é nem baixo nem alto. O Yuri é negro, loiro — diz ele que é natural —, alto, forte e bonito, diz ele. Sobre a Malu, eles me falaram que ela parecia uma cigana, de tão bonita.

Então pedi para eles descreverem as minhas características. Falaram que meus olhos e meus cílios são grandes, que meu cabelo é enrolado e bonito e que não sou nem alta nem baixa. Como eu não nasci cega, ainda tinha noção de algumas coisas. Perdi minha visão com 12 anos. Antes do acidente, eu não conhecia os meus amigos, por isso foi bem legal ouvir eles falando como eram.

No começo foi difícil pensar nessas diferentes características e no significado das palavras, mas fui tentando fazer um bom trabalho. E no final, eu entendi o que é estética. Estética não é só o que a gente vê no espelho. Estética é a beleza que existe na diferença. É entender que cada um de nós tem um jeito, uma cor, um cabelo e uma história diferente, e que é isso que torna o nosso grupo bonito. Eu tentei, me esforcei e consegui. E descobri que não preciso enxergar para ver a beleza dos meus amigos.



Capítulo XXIV

AS MÃOS QUE QUERIAM SER OUVIDAS

Maria Aparecida Ferreira Rodrigues

Eu era uma menina surda de 15 anos, eu nasci assim e desde pequena aprendi a falar em Libras. Eu adorava desenhar, ler e observar o mundo ao meu redor. Meus melhores amigos são meus pais, pois são os únicos ao meu redor que sabem falar comigo em Libras. Naquela manhã:

— Filha, sua professora disse que sempre que se comunicar com ela falar. — diz meu pai em Libras.

— Por que ela não pode aprender Libras para falar comigo?

— Meus pais ficam em silêncio porque, para eles, era muito mais fácil uma pessoa falar do que todos da minha escola aprenderem Libras.

Todas as manhãs, eu chegava na sala, cumprimentava meus colegas fazendo sinais de “Oi”, “Bom dia”, “Como você está?”. Alguns só sorria, outros apenas acenavam com a cabeça, mas nunca me respondiam de volta. E isso me deixa triste, pois eu queria contar sobre meus desenhos. Às vezes, via alguém lendo o mesmo livro que eu e queria falar sobre o livro, perguntar sobre as atividades e participar das conversas, mas muitas vezes não conseguia.

Certo dia, a professora passou uma atividade em grupo. Eu tentou explicar uma ideia aos colegas usando Libras, mas eles não entendiam. Eu ficou triste e penso:

— Será que um dia as pessoas vão conseguir me entender?

Naquele momento, uma colega chamada Ana percebeu que eu estava quieta. Ana pegou um papel e escreveu: "Eu quero aprender a conversar com você." Eu abriu um grande sorriso. A partir daquele dia, Ana começou a aprender alguns sinais de Libras. Primeiro aprendeu "oi", "amiga", "obrigada" e "desculpa". Depois, foi aprendendo cada vez mais. Os outros alunos perceberam a mudança e também ficaram curiosos. Aos poucos, começaram a aprender Libras. Algumas semanas depois, a professora teve uma ideia: criar um pequeno clube de Libras na escola, aberto para todos os alunos.

Eu fiquei muito feliz. Pela primeira vez, me sentir que minhas mãos não

precisavam ficar em silêncio. No final do ano, quando entrou na sala, vários colegas fizeram sinais para mim: "Bom dia, Lívia!" Eu respondo sorrindo: "Bom dia!" Naquele dia, eu entendi que ser diferente não significava estar sozinha. Às vezes, tudo o que uma pessoa precisa é encontrar alguém disposto a aprender uma nova maneira de ouvir.

POSFÁCIO

Depois das histórias: o que permanece quando aprendemos a olhar de outro modo.

Chegamos ao final deste livro, mas talvez não ao final das histórias. Depois de percorrer as páginas de *Edupluriversência: Contos de Existir, Resistir e Reexistir – Volume II* permanece conosco personagens, conflitos, afetos, inquietações e, sobretudo, diferentes maneiras de perceber a existência humana. Cada narrativa deixa algo que ultrapassa seus limites ficcionais e alcança o leitor como convite à reflexão. Quando a última história termina, não encontramos necessariamente um ponto de chegada, mas a possibilidade de retornar ao mundo cotidiano com perguntas que talvez antes não fizéssemos.

O projeto que originou esta coletânea partiu de uma proposta aparentemente simples: produzir narrativas literárias nas quais pessoas com deficiência ocupassem o centro das histórias. Entretanto, escrever nunca é apenas organizar palavras em torno de personagens, tempos, espaços e conflitos. À medida que as narrativas começaram a ganhar forma, tornou-se necessário pensar também sobre as maneiras pelas quais aprendemos socialmente a olhar para a diferença. Assim, o exercício de produção textual ultrapassou os limites da aprendizagem do gênero conto e transformou-se em experiência de aproximação com outras formas de existir, perceber, comunicar, aprender e participar do mundo.

Ao longo das páginas, encontramos personagens cegos que percebem a realidade por sons, cheiros, texturas e memórias; personagens surdos que demonstram que a comunicação não se restringe à oralidade; pessoas que utilizam cadeiras de rodas e se deparam com escadas, portas, calçadas e espaços que não foram planejados considerando diferentes formas de mobilidade; sujeitos que aprendem em ritmos distintos; personagens autistas com interesses, sensibilidades e projetos de vida; jovens que praticam esportes, trabalham, produzem arte, constroem amizades, estabelecem relações afetivas, enfrentam preconceitos e reivindicam o direito de decidir sobre a própria existência.

A leitura dessas experiências ficcionais permite compreender que a diferença certamente existe nos corpos, nos sentidos, nas maneiras de comunicação, nos ritmos de aprendizagem e nas experiências singulares de cada sujeito. Reconhecer essas diferenças é necessário. O problema surge quando elas são transformadas em inferioridade, incapacidade ou dependência presumida. É nesse momento que os contos nos fazem deslocar o olhar da pessoa para aquilo que existe ao seu redor. Uma escada pode transformar-se em barreira quando não há outra possibilidade de acesso; uma explicação pode excluir quando não contempla diferentes formas de comunicação; uma atividade pode impedir a participação quando é planejada a partir de um único modelo de estudante. Há ainda barreiras menos visíveis, construídas por palavras, olhares, expectativas, silêncios, preconceitos e decisões tomadas sem considerar a voz daquele a quem dizem pretender ajudar.

Talvez seja por isso que a ideia de pertencimento atravesse silenciosamente tantas narrativas desta obra. Pertencer significa muito mais do que estar fisica-

mente presente. Uma pessoa pode estar matriculada em uma escola e não participar plenamente de suas experiências; pode estar dentro de uma sala de aula e continuar sem ser ouvida; pode frequentar determinado espaço e perceber que ele jamais foi pensado considerando sua presença. A inclusão, nesse sentido, não pode limitar-se a permitir que alguém entre. Ela exige transformar práticas, relações, linguagens e espaços para que diferentes sujeitos possam participar sem precisar renunciar àquilo que são.

As histórias também nos permitem compreender a profunda diferença entre fazer algo pelo outro e construir possibilidades com o outro. Quando decidimos por uma pessoa sem ouvi-la, podemos retirar sua autonomia mesmo quando acreditamos estar ajudando. Quando construímos com ela as condições necessárias à participação, reconhecemos sua capacidade de escolher, posicionar-se e decidir sobre a própria existência. Essa reflexão aparece de maneira significativa em diferentes momentos da coletânea, sobretudo quando os personagens recusam que suas deficiências sejam transformadas na única explicação possível para suas vidas.

Esse deslocamento é fundamental porque pessoas com deficiência não precisam transformar suas trajetórias em acontecimentos extraordinários para justificar sua presença no mundo. Não precisam ser permanentemente apresentadas como heroínas, exemplos de inspiração ou símbolos de superação. Não precisam vencer seus próprios corpos para serem reconhecidas. Precisam, antes de tudo, ter assegurados o direito à dignidade, à autonomia, à participação, à acessibilidade e ao pertencimento. A deficiência pode constituir uma dimensão importante de uma experiência humana, mas não esgota a identidade de quem a vivencia.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que os textos reunidos nesta coletânea foram produzidos por estudantes-autores em processo de formação. Suas narrativas registram diferentes modos de compreender a deficiência, a inclusão e a própria ideia de superação. Em alguns momentos, aparecem concepções ainda muito presentes no imaginário social; em outros, os textos deslocam explicitamente o problema para as barreiras arquitetônicas, comunicacionais, pedagógicas e atitudinais. Essa diversidade não precisa ser apagada, porque ela também documenta um processo educativo em movimento. Educar significa criar condições para que concepções sejam apresentadas, confrontadas, problematizadas e reelaboradas.

Por essa razão, esta coletânea não pretende oferecer respostas definitivas sobre deficiência e inclusão, tampouco falar em nome da multiplicidade de experiências vivenciadas pelas pessoas com deficiência. Os contos são construções ficcionais elaboradas por jovens autores que aceitaram o desafio de experimentar outros pontos de vista por intermédio da literatura. É justamente nessa condição que reside parte significativa de sua potência pedagógica. Ao imaginar a experiência do outro, o estudante pode terminar interrogando a própria maneira de olhar. A literatura torna-se, assim, um território em que escrever sobre alguém também pode significar aprender algo sobre si mesmo e sobre a sociedade da qual fazemos parte.

Quando a produção textual provoca esse movimento, ela deixa de ser apenas exercício escolar. A escrita passa a constituir uma experiência formativa. O estudante aprende sobre narrador, personagem, conflito, espaço, tempo, linguagem e construção narrativa, mas aprende igualmente que as palavras utilizadas

para representar o outro nunca são neutras. Escolher como apresentar uma personagem, quais conflitos lhe atribuir e como construir sua relação com a deficiência, implica também mobilizar concepções sobre normalidade, autonomia, capacidade, diferença e pertencimento. Escrever literatura, nesse contexto, torna-se igualmente uma forma de aprender a olhar.

É nesse ponto que retornamos à palavra que acompanha esta obra desde o título: Edupluriversência. Ao longo desta experiência pedagógica, o termo ganha sentido como uma perspectiva de educação fundada no reconhecimento da pluralidade dos universos e das experiências humanas. Educar, sob essa perspectiva, significa compreender que não existe uma única maneira legítima de aprender, perceber, comunicar, sentir, movimentar-se ou produzir conhecimento. A escola é atravessada diariamente por sujeitos que chegam trazendo diferentes histórias, corpos, sensibilidades, ritmos, linguagens, identidades e maneiras de compreender o mundo. Reconhecer essa multiplicidade significa abandonar a expectativa de que todos precisem adaptar-se a um único modelo para que possam pertencer.

A Edupluriversência, portanto, não significa simplesmente reconhecer que existem diferenças. Significa compreender que essas diferenças também produzem conhecimentos, experiências e possibilidades educativas. Quando diferentes modos de existir entram na escola, não são apenas esses sujeitos que precisam aprender algo. A própria escola pode aprender com suas presenças e transformar-se a partir delas. É nesse sentido que a pluralidade deixa de ser compreendida como dificuldade a ser administrada e passa a constituir uma potência formativa.

Os três verbos que acompanham o título desta coletânea sintetizam esse movimento. Existir significa ocupar o mundo sem precisar justificar permanentemente a própria diferença. Resistir significa confrontar as barreiras físicas, comunicacionais, pedagógicas e atitudinais que continuam restringindo a participação de determinados sujeitos. Reexistir significa reconstruir possibilidades, produzir outros sentidos para a própria trajetória e transformar os espaços para que outras existências também possam neles encontrar lugar. Existência, resistência e reexistência deixam, assim, de constituir movimentos isolados e passam a formar uma travessia comum às diferentes narrativas reunidas nesta obra.

Há ainda outra dimensão que não pode ser esquecida quando chegamos às últimas páginas: a autoria estudantil. Esta coletânea não representa apenas o resultado de uma atividade de Língua Portuguesa. Ela registra a transformação de estudantes em autores. Existe uma diferença significativa entre escrever um texto destinado exclusivamente à leitura e à avaliação do professor e produzir uma narrativa sabendo que ela poderá circular entre outros leitores. Quando a escrita ultrapassa os limites do caderno, da folha de atividade ou da plataforma escolar e passa a integrar um livro, a palavra do estudante assume outra dimensão. Ela ganha circulação, permanência e responsabilidade.

Publicar esses contos significa, portanto, reconhecer que os estudantes também produzem cultura, literatura e conhecimento. Significa dizer-lhes que suas palavras podem ocupar outros espaços e dialogar com pessoas que talvez nunca tenham entrado em sua sala de aula. O estudante deixa de escrever apenas para receber uma nota e passa a experimentar a responsabilidade e a potência de escrever para ser lido. Nesse processo, o livro torna-se memória de uma experiência educativa composta pelas primeiras ideias, pelos personagens imaginados, pelas

versões iniciais, pelas leituras, pelas correções, pelas reescritas e pelas aprendizagens construídas durante o percurso.

Por isso, embora este volume encontre aqui suas páginas finais, o processo que lhe deu origem não se encerra. Permanecem os textos, permanecem as aprendizagens e permanecem, sobretudo, as perguntas que as narrativas foram capazes de produzir. Talvez, depois desta leitura, uma escada já não seja percebida apenas como elemento arquitetônico, mas também como possível barreira; talvez um silêncio possa ser compreendido como outra possibilidade de linguagem; talvez um ritmo diferente de aprendizagem deixe de ser imediatamente associado à incapacidade; talvez uma cadeira de rodas deixe de chegar ao olhar antes da pessoa que a utiliza; talvez ajudar alguém passe a significar menos decidir por ele e mais construir com ele possibilidades de participação. Se algo dessa natureza acontecer, ainda que silenciosamente, as histórias terão continuado a educar depois de terminadas.

É justamente aí que a Edupluriversência encontra seu sentido mais profundo. Educar para a pluralidade significa construir espaços em que cada existência encontre condições para estar, participar e pertencer. Significa compreender que ninguém precisa apagar suas diferenças para conquistar um lugar. Significa reconhecer que a experiência humana não se empobrece diante da diversidade; ao contrário, amplia-se por meio dela.

A acessibilidade, nesse horizonte, não é concessão nem favor, mas possibilidade de exercício de direitos. A inclusão não diminui o espaço de alguns para oferecê-lo a outros; transforma o espaço para que diferentes pessoas possam compartilhá-lo. Talvez seja essa a imagem que melhor possa permanecer depois destas páginas: uma escola que não pergunta de que maneira diferentes sujeitos conseguirão caber em estruturas previamente estabelecidas, mas que se dispõe a transformar suas próprias estruturas para reconhecer a pluralidade daqueles que nela existem. Uma escola na qual diferença não precise pedir licença para entrar e na qual cada sujeito possa reconhecer-se não apenas como alguém que está presente, mas como alguém que efetivamente pertence.

Ao final, compreendemos que não foram somente os personagens dessas narrativas que percorreram caminhos. Estudantes-autores, professores e leitores também foram convidados a realizar uma travessia. Escrever e ler essas histórias significa aproximar-se de outras perspectivas e admitir que aquilo que considerávamos conhecido talvez pudesse ser percebido de outra maneira. A literatura realizou, assim, aquilo que tantas vezes esperamos da educação: abriu possibilidades para que outros mundos fossem imaginados.

Fechamos o livro, mas as histórias permanecem. Permanecem as vozes, os gestos, os silêncios, os caminhos e as diferenças que atravessaram estas páginas. Permanece, sobretudo, a possibilidade de compreender que educar não consiste em produzir existências semelhantes, mas em construir condições para que a multiplicidade humana possa encontrar reconhecimento, dignidade e pertencimento. Talvez seja isso existir, resistir e reexistir. Talvez seja isso Edupluriversência.

Prof. Dr. Josimar Soares da Silva

Organizador

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade, 24–38, 42–57, 60–73, 79–82

Acessibilidade arquitetônica, 27–29, 35–38, 42–43, 52–57, 64–71

Acessibilidade atitudinal, 21–38, 44–57, 60–73, 79–82

Acessibilidade comunicacional, 30–34, 72–73, 81–82

Alteridade, 17–82

Amizade, 17–82

Amputação, 24–29

Ancestralidade, 44–48

Arte e inclusão, 55–63, 79–80

Autismo, 39–41, 67–68

Autonomia, 17–20, 24–38, 42–82

Autoria estudantil, 17–82

B

Barreiras arquitetônicas, 27–29, 35–38, 42–43, 52–57, 64–71

Barreiras atitudinais, 21–38, 39–57, 60–82

Barreiras comunicacionais, 30–34, 72–73, 81–82

Beleza e diferença, 79–80

C

Cadeira de rodas, 27–29, 35–38, 42–43, 52–59, 64–71

Capacitismo, 21–82

Cidade acessível, 52–54, 69–71

Comunicação, 30–34, 44–51, 67–68, 72–73, 81–82

Comunidade surda, 30–34, 72–73, 81–82

Convivência com as diferenças, 17–82

Corpo e identidade, 17–29, 39–43, 58–68, 74–80

D

Dança inclusiva, 60–63

Deficiência auditiva, 30–34, 72–73, 81–82

Deficiência física, 24–29, 35–38, 42–43, 52–71

Deficiência visual, 21–23, 44–51, 60–63, 79–80
Diferença, 17–82
Diversidade, 17–82
Direito à participação, 24–82
E
Educação inclusiva, 17–82
Edupluriversência, 17–82
Escola acessível, 30–41, 52–57, 64–73, 81–82
Esporte e inclusão, 24–26, 35–36, 39–41, 64–66
Estética, 79–80
Exclusão, 21–38, 39–57, 64–73, 81–82
F
Família, 17–20, 27–29, 39–43, 58–59, 67–78
Futebol, 24, 39–41
Finitude, 42–43
H
Hidrocefalia, 58–59
Hiperidrose, 17–20
I
Identidade, 17–23, 27–34, 39–51, 55–82
Identidade indígena, 44–48
Inclusão, 17–82
Inclusão escolar, 24–41, 52–73, 81–82
L
Libras, 30–34, 72–73, 81–82
Literatura e inclusão, 17–82
Literatura juvenil, 17–82
M
Memória, 42–48, 74–78
Mielomeningocele, 58–59
Mobilidade, 24–29, 35–38, 42–43, 52–57, 64–71

P

Participação, 17–82

Pertencimento, 21–23, 30–34, 39–51, 60–82

Pessoa com deficiência, 17–82

Preconceito, 17–82

Prótese, 24–26

Protagonismo, 17–82

R

Rampas de acesso, 35–38, 52–57, 64–71

Respeito às diferenças, 17–82

Resistência, 17–82

Reexistência, 17–82

S

Sonhos e projetos de vida, 17–82

Superação, concepções de, 17–20, 24–29, 39–43, 58–82

Surdez, 30–34, 72–73, 81–82

Sustentação familiar, 17–20, 39–43, 58–59, 67–78

T

Tecnologia e acessibilidade, 49–54, 69–73

V

Vulnerabilidade social, 17–20

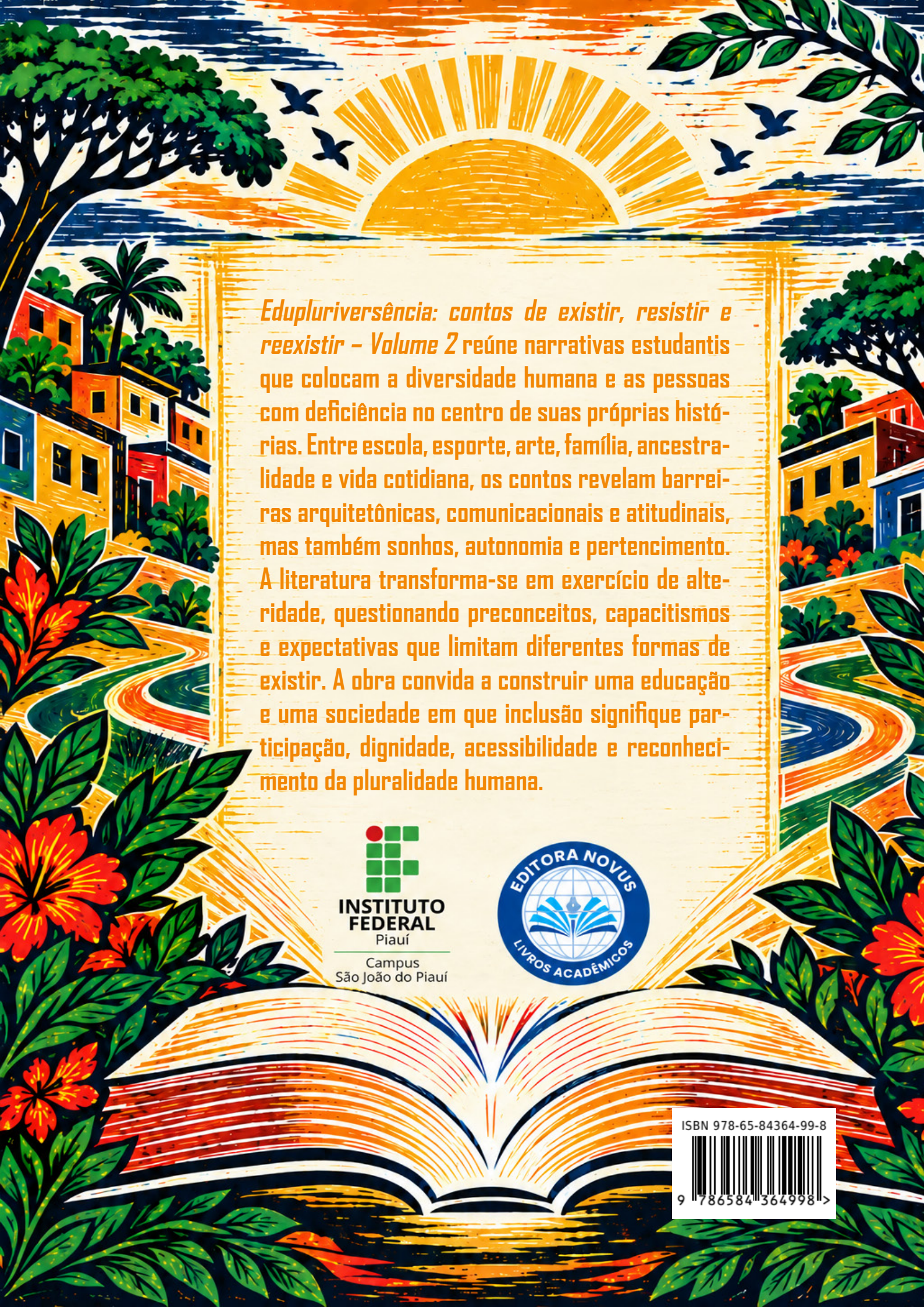
Voz e formas de comunicação, 30–34, 72–73, 81–82

ORGANIZADOR



JOSIMAR SOARES DA SILVA

Doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestre em Formação de Professores da Educação Básica pela UEPB. Possui especialização em Linguística Aplicada ao Ensino do Português pelas Faculdades Integradas de Patos FIP e especializações em Língua Portuguesa e em Língua Espanhola pela Universidade Cândido Mendes. Graduado em Letras Espanhol pela Universidade Estadual da Paraíba e em Letras-Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Possui formação em Magistério (Normalista) desde 2006. Atua como professor de Língua Portuguesa e coordenador pedagógico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - *Campus* São João do Piauí. Possui experiência na área de Letras, com ênfase no ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual, bem como de Língua Espanhola, Literatura e Produção Textual. Desenvolve pesquisas nas áreas de leitura, escrita e formação de professores de Língua Portuguesa e Língua Espanhola no Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Finais) e no Ensino Médio. Atua também nos estudos das Literaturas Africanas de Língua Espanhola, Hispano-americana e de Língua Portuguesa, com foco na Memória Ancestral, diáspora africana, mitologia dos Orixás, Afrorealismo, Relações Étnico-Raciais, Inclusão e Diversidade, Adaptação de Materiais Didáticos e Inteligência Artificial aplicada ao ensino. Seu campo de interesse contempla ainda questões identitárias e étnico-raciais, cultura popular, combate ao racismo e ao racismo religioso, Candomblé e o culto à Jurema Sagrada. Atualmente está desenvolvendo Estágio Pós-doutoral na Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, *Campus* São Raimundo Nonato – PI pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva – PROFEI.



Edupluriversência: contos de existir, resistir e reexistir – Volume 2 reúne narrativas estudantis que colocam a diversidade humana e as pessoas com deficiência no centro de suas próprias histórias. Entre escola, esporte, arte, família, ancestralidade e vida cotidiana, os contos revelam barreiras arquitetônicas, comunicacionais e atitudinais, mas também sonhos, autonomia e pertencimento. A literatura transforma-se em exercício de alteridade, questionando preconceitos, capacitismos e expectativas que limitam diferentes formas de existir. A obra convida a construir uma educação e uma sociedade em que inclusão signifique participação, dignidade, acessibilidade e reconhecimento da pluralidade humana.

INSTITUTO FEDERAL
Piauí
Campus
São João do Piauí

EDITORA NOVUS
LIVROS ACADÊMICOS

ISBN 978-65-84364-99-8